



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

JULIANA FRANCISCO PEREIRA

**LAVANDO CALCINHA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA
MÚSICA “MEU NAMORADO É MÓ OTÁRIO” DE MC CAROL**

CAMPINAS

2018

JULIANA FRANCISCO PEREIRA

LAVANDO CALCINHA:
UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA MÚSICA “MEU NAMORADO É MÓ
OTÁRIO” DE MC CAROL

Monografia apresentada ao Instituto de Estudos da
Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas
como requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciada em Letras – Português.

Orientadora: Prof^a Dr^a Monica Graciela Zoppi
Fontana

Campinas

2018

AGRADECIMENTOS

À minha família pelo incentivo aos estudos e compreensão durante os longos, difíceis e compensatórios seis anos de graduação.

À professora Dr.^a Mônica Graciela Zoppi Fontana, a quem tenho muito respeito carinho e admiração pelo trabalho analítico impecável, pela orientação nos dois últimos semestres de monografia que foram cruciais para o desenvolvimento não só de minha pesquisa, mas também meu próprio como pesquisadora.

Aos professores, diretores e todos os funcionários do Instituto de Estudos da Linguagem, por fazerem parte de minha formação na Universidade Estadual de Campinas ao longo desses seis anos.

Aos amigos e funcionários da Moradia Estudantil da Unicamp, minha casa fora de casa, pelo acolhimento; carinho e cuidado desempenhados para comigo que foram essenciais para minha permanência na universidade.

Agradeço à professora Dr.^a Jacqueline Peixoto Barbosa, pela orientação nos dois primeiros semestres de pesquisa no ano de 2017 em que pesquisei na área de Linguística Aplicada; pela sensibilidade que teve ao ver minha pesquisa se encaminhando para outra área e me dar o suporte necessário para essa mudança; e, principalmente, por ser a primeira pessoa a me encorajar a continuar pesquisando após o término da graduação.

À Érica Cardozo e Patrícia Camargo, minha família da Moradia, pela companhia; amizade e parceria: na análise de discurso, na cerveja, nos congressos, nas festinhas e no forró.

Ao professor que se tornou amigo ou ao amigo que se tornou professor, Dr. Fábio Ramos Barbosa Filho, pelos conselhos; por ser meu interlocutor nos trabalhos de análise; pela parceria na vida e na cerveja; e, principalmente, pelo encorajamento e incentivo despendidos a mim.

Também agradeço à Juliana Benfica, pelo apoio; carinho e amizade que perduram há mais de dez anos mesmo estando distante.

À Jaqueline Belini, que acompanhou minha trajetória na universidade desde o início em 2013, agradeço por ter me incentivado na vida e na escrita; por ter me apoiado e também pelos sorvetes que ainda tomaremos.

Ao professor Dr. Lauro José Siqueira Baldini, uma de minhas inspirações como analista de discurso, responsável por ministrar as aulas que contribuíram para a mudança na área de minha pesquisa.

Meus agradecimentos às amigadas que construí através da análise de discurso à base de muito amor, álcool, costela, choros e risadas.

“Represento as mulheres, 100% feminista”

(MC CAROL; KAROL CONKA, 2016)

RESUMO

A música “Meu namorado é mó otário”, da cantora e compositora carioca MC Carol, disponibilizada através da plataforma de compartilhamento de vídeos *YouTube* em 2012, é a canção de maior visualização dentre as músicas da cantora e muito comentada entre internautas. Alguns questionam a cantora por apresentar na letra da música um homem que cumpre tarefas domésticas (lava calcinhas e cozinha) e é qualificado como otário, dizendo que ao fazer isso a cantora se distancia do feminismo; enquanto que outros não veem problemas com a letra da música e elogiam a cantora. Tal impasse, causador de um efeito de contradição, torna-se a motivação para o desenvolver da análise que tem por objetivo entender as relações de dominância em que a discursividade da letra da música se insere e como isso é apresentado mediante memória discursiva. Esses comentários de internautas, que constituem o corpus discursivo, foram observados nas redes sociais *Facebook* e *Twitter* por meio de pesquisa com palavras-chave que endereçavam a cantora à música em questão; também foram feitas outras buscas nessas redes sociais para encontrar como eram relacionadas às palavras-chave “lavar cueca” e “lavar calcinha”, a fim de compreender quais eram os efeitos de sentido (PÊCHEUX, 2014) em disputa em cada campo semântico. Se é dado por alguns internautas que a música trata de divisão de tarefas domésticas, mediante memória discursiva (COURTINE, 1999) da ideologia dominante (PÊCHEUX, 2014), a quem é esperado que se cumpra com tais afazeres? Na letra da música “Meu namorado é mó otário” há uma resposta à naturalização da figura feminina representada na formação discursiva dominante (PÊCHEUX, 2014) machista? Em análise foram encontrados indícios de que tanto as tarefas domésticas, de modo geral, como a lavagem de peças íntimas (calcinhas e cuecas) estão diretamente ligadas à figura feminina na memória discursiva da formação discursiva dominante machista, sendo também atravessadas por um recorte de classe, tendo em vista que as mulheres de classe social dominada são responsáveis pela lavagem de suas calcinhas e das calcinhas das mulheres pertencentes a classe social dominante. Portanto, concluímos que as questões que perpassam a letra da música “Meu namorado é mó otário” de MC Carol, ultrapassam a dicotomia colocada por seus ouvintes, de ser ou não uma música feminista, já que, ao se expressar dessa forma, é deixado de lado os efeitos de sentido de lavar calcinha; a posição sujeito da cantora que está inserida em uma formação discursiva feminista que traz os questionamentos próprios de uma ideologia dominada; e a memória discursiva da ideologia dominante. Assim, vemos posições sujeito que apresentam uma ideologia dominante disputando o sentido de feminismo com posições sujeito (PÊCHEUX, 2014) que apresentam uma ideologia dominada (PÊCHEUX, 2014); o que acontece em uma formação discursiva heterogênea (COURTINE, 2014).

Palavras-chave: Calcinha; Discurso; Feminismo.

ABSTRACT

The song "Meu namorado é mó otário", by the singer and songwriter from Rio de Janeiro, MC Carol, available through the YouTube video sharing platform in 2012, is the most viewed song among all the singer's musics and it is highly commented among the netizens. Some people object the singer because she presents in the lyrics of the song a man who does household chores (washes panties and cooks) and is also qualify as an "asshole", affirming that doing this the singer distances herself from feminism; while others do not see any problem with the lyrics and flatter her. This deadlock provokes a contradiction effect, that becomes a motive to develop this analyses which has the objective to comprehend the dominance relations in which the discursiveness of the lyrics is inserted and how this is presented through discursive memory. These comments made by netizens, which constitute the discursive corpus, were observed in the social medias Facebook and *Twitter*, through a research using key words that addressed the singer to this song; other searches were also done in these same social medias to find out how key words such as "lavar cueca" (wash underpants) and "lavar calcinha" (wash panties) were related, in order to understand which were the meaning effects (PÊCHEUX, 2014) battling in each semantic field. If some netizens believe the song is about the division of household chores, through the discursive memory (COURTINE, 1999) of the dominant ideology (PÊCHEUX, 2014), to whom is expected to do these tasks? In the lyrics of the song "Meu namorado é mó otário" is there an answer to the naturalization of the female figure represented in the male chauvinist dominant discursive formation (PÊCHEUX, 2014)? In the analysis, indication was found that both household chores, in general, and washing underwear (panties and underpants) are directly linked to the female figure in the discursive memory of male chauvinist discursive formation, which are also penetrate by a social class section, since women who belong to a socially dominated class are responsible for washing both their own panties and also the ones which belong to women that comes from the dominant social class. Therefore, we conclude that the questions which permeate the lyric of MC Carol's song "Meu namorado é mó otário" exceed the dichotomy placed by its listeners, whether or not it is a feminist song, since, when expressed in this way, the meanings effects of washing panties are left aside; and also the singer's subject position that is incorporated in a feminist discursive formation that highlights specific objections of the dominated ideology. Thereby, we see that subject positions which presents a dominant ideology are competing for the feminism meaning with subject positions (PÊCHEUX, 2014) which presents a dominated ideology (PÊCHEUX, 2014); what happens in a heterogeneous discursive formation (COURTINE, 2014).

Keywords: Panties; Discourse; Feminism.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. DESENVOLVIMENTO.....	9
2.1. Materialidade Discursiva.....	9
2.2. Oração reduzida justaposta, orações subordinadas adverbiais causais/ consecutivas e efeitos de sentido em disputa.....	15
2.3. Subvertendo os chamados “papéis de gênero”.....	33
2.4. A calcinha como materialidade histórica.....	36
2.5. Sobre MC Carol e sua posição sujeito.....	38
2.6. Outras cantoras de funk e posição sujeito.....	54
3. CONCLUSÃO.....	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	59
ANEXOS.....	65

1. INTRODUÇÃO

Antes de dar início a essa pesquisa preciso situar você, leitor, do percurso que trilhei para que chegasse a tal materialidade discursiva e pensasse em trabalhar com esse tema. Bem, a motivação para trabalhar com questões que envolvessem mulheres do funk e feminismo surgiu antes mesmo do início de minha primeira matéria de investigação científica, iniciada no primeiro semestre de 2017; como uma festeira nata, percebi, desde meus primeiros contatos com a noite universitária, que havia algo me ligando àquele espaço, por tantas horas hostil e distante de minha realidade humilde. Todos dançavam enfurecidos e extasiados, cada um na sua batida, cada corpo uma melodia, a alegria era visível no olhar dos presentes, inclusive no meu. O que está tocando? “Beijinho no ombro”! Valesca Popozuda na Universidade? Sim!

Senti, naquele momento, reviver lembranças saborosas do início de minha adolescência, quando ouvia, por muitas vezes com minhas amigas, músicas de cantoras do funk que me inspiraram e me inspiram até os dias de hoje com suas letras sobre liberdade sexual feminina, empoderamento e luta contra o machismo, letras que vão do cômico até assuntos que tocam questões que perpassam o jurídico, como é o caso da música “Larguei meu marido” de Valesca Popozuda que traz ao ouvinte um caso de uma mulher que escapa de um quadro de violência doméstica, por mais que não soubesse disso à época da adolescência. O que foi uma pena, pois esse gosto pelo funk e por cantoras como Tati Quebra Barraco e Valesca Popozuda foi escondido e reprimido durante os anos em que cursei o Ensino Médio; naquela escola em que estudei e para aqueles alunos que estudaram comigo era feio gostar de funk, tinha algo de vulgar demais nas letras das músicas. Se me lembro bem, funk era tido como aquilo que não é música e aquilo que não é cultura, mas o que é cultura? não havíamos sequer tido aulas sobre autores que estudam a cultura, mas para eles era certo que o funk não se enquadrava nem como música e nem dentro das definições de cultura.

Voltando à festa e ao momento mágico que vi, pela primeira vez, colegas de classe e de instituto dançando ao som de uma das divas de minha adolescência, percebi que aquele era o meu ambiente, mais do que de qualquer um ali que só conhecia versões censuradas que tocavam em rádios e baladas de músicas que tiveram seu sucesso primeiro nas periferias e devido ao público das periferias. Naquele momento, decidi que tomaria de volta todo aquele apreço e gosto pelo funk que me foi negado nos anos anteriores; decidi que me jogaria de volta a um mundo que

me pertenceu. E me joguei! na música, na dança, nas festas, até que, por fim ou por início, decidi que o funk seria tema de minha pesquisa de monografia na graduação em Letras.

Sendo assim, fui buscar orientação em Linguística Aplicada (LA) a fim de encontrar, mediante bibliografia em Linguagem e Diversidade, as respostas para questões que há muito me acometiam. Nesse meio tempo, em que mergulhava em uma bibliografia específica da LA e estudava outros trabalhos acerca do tema que tomei para mim, resolvi que faria novamente a matéria de análise de discurso juntamente com os alunos da Linguística no segundo semestre de 2017; e foi aí que veio a surpresa... Percebi que haviam questões sobre as cantoras do funk e letras de suas músicas, mais especificamente a de MC Carol, que perpassavam a memória discursiva através do interdiscurso; já que ali mesmo na materialidade da letra da música, fui capaz de encontrar um impasse capaz de unir questões colocadas à nível linguístico/semântico a questões histórico-discursivas.

A motivação para analisar a letra de MC Carol veio a partir do momento em que percebi que os mesmos amigos e amigas que dançavam entusiasmados nas festinhas os funks feito por mulheres, também lhes situavam como mais ou menos feminista de acordo com suas letras; uma delas a de MC Carol “Meu namorado é mó otário”. Lembro-me de ter ouvido algo como “Dessa música aí eu não gosto! Ela diz que o homem divide tarefas e chama ele de otário?! Não é feminista” para designar a letra da cantora, enquanto que outros amigos e amigas dançavam e cantavam a letra da música sem passar por essa crítica. Por que a relação entre o homem lavar calcinhas e ser qualificado como otário era um apontamento significativo para alguns (feministas) e insignificante para outros (também feministas)? O que permitia a construção desse impasse?

Dessa forma, me vi atravessada por questões que o meu material colocava para mim como analista; foi quando percebi que a materialidade que escolhi como tema de pesquisa para a monografia pedia uma análise discursiva e se eu optasse por continuar com ela teria que ser sob os preceitos da análise de discurso. Então, mudei a área da pesquisa de Linguística Aplicada para Linguística, a fim de continuar analisando discursivamente a música escolhida como tema de pesquisa.

Um dos primeiros passos que dei em relação à análise discursiva foi com o intuito de tentar compreender os funcionamentos linguísticos capazes de causar estranhamento ao relacionar o homem e o lavar calcinhas através de paráfrases heurísticas que me permitiam, ou

não, estabelecer relações dentro de um campo de sentido específico. Por conseguinte, passei a analisar as associações que eram feitas em redes sociais com as palavras-chave “lavar cueca” e “lavar calcinha”.

Sobre minha pesquisa em redes sociais, é importante que seja feito um adendo a esse respeito. De início, busquei encontrar os impasses que me motivaram a realizar uma pesquisa no *Twitter* e no *Facebook*, por conta da alta circulação em que se encontram os discursos presentes nessas redes sociais. Mas, é preciso que se tenha em mente de que essa não se trata de uma análise estatística que busca findar todas as postagens e *tweets* acerca dos assuntos pesquisados, afinal, mesmo que eu tivesse esse por meu objetivo, não o alcançaria dada a pulsão de destruição do arquivo¹ (ainda mais ao que tange o arquivo digital em questão, que pode ser alterado e apagado a qualquer momento) e a impossibilidade de completude do arquivo. Portanto foi feito um recorte, com algumas postagens e alguns *tweets* que permitem, de certa forma, relacionar os discursos e discursividades que perpassam a análise.

No decorrer da análise, percebo como a realização de tarefas domésticas está intimamente ligada à figura feminina mediante memória discursiva, trazendo esse discurso através da naturalização dessa ideologia dominante. Portanto, se faz notável a necessidade de se trabalhar com conceitos de formação discursiva; ao que se é trabalhado na presente análise com os conceitos de Pêcheux 2014² e de Courtine 2014³.

Por fim, a análise de posições sujeito e sentidos de feminismo em disputa dentro de uma formação discursiva heterogênea fazem-se, não só necessária, como indispensável para a compreensão dos por quês que permitem o impasse perante funcionamento linguístico e histórico na materialidade da música “Meu namorado é mó otário”.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Materialidade Discursiva

¹ Sobre pulsão de destruição, pensamos aqui no que traz Derrida em seu livro “Mal de arquivo: uma impressão freudiana” (2001): “Ela destrói seu próprio arquivo antecipadamente, como se ali estivesse, na verdade, a motivação mesma de seu movimento mais característico. Ela trabalha para *destruir o arquivo: com a condição de apagar* [grifo do autor] mas também *com vistas a apagar* [grifo do autor] seus “próprios” traços – que já não podem desde então serem chamados “próprios”. Ela devora seu arquivo antes mesmo de tê-lo produzido externamente” (p. 21).

² No âmbito do que é chamado por ele de formação discursiva dominante e formação discursiva dominada.

³ Indispensável para que possamos pensar em formação discursiva heterogênea.

A música “Meu namorado é mó otário”⁴, da cantora e compositora carioca MC Carol, foi lançada em forma de videoclipe no ano de 2012 na plataforma de compartilhamento de vídeos *YouTube*. Sob fundo *Chroma Key*, a cantora mostra-se sorridente enquanto dança e canta sua música; as imagens de pétalas de rosa que caem e os sons de gemidos ao fundo são responsáveis por proporcionar um efeito de sentido cômico ao vídeo. Essa foi a música da cantora com maior número de visualizações, mais de 7,8 milhões de *views*⁵, que até hoje conquista fãs por sua letra divertida. Vejamos a letra da música:

Meu namorado é mó otário
Ele lava minhas calcinha
Se ele fica cheio de marra
Eu mando ele pra cozinha

Se tu não tá gostando
Então dorme no portão
Porque eu vou pro baile
Vou pra minha curtidão

Aca, aca, aca, aca, acaba com essa...
Vai!
Vai!
Vai!

Aca, aca, aca, aca, acaba com essa...
Vai!
Vai!
Vai!

Foi esta a canção escolhida para análise dentro de um vasto repertório da artista já consolidada dentro do gênero musical funk. Ao iniciar da música, especificamente em seus dois primeiros versos: “Meu namorado é mó otário/ Ele lava minhas calcinha”, já nos deparamos com uma **contradição marcada** em que se funda na recusa do adjetivo “otário” para qualificar o namorado que lava calcinhas por uma parcela do público que se identifica como feminista⁶, alegando que o homem que também tem tarefas domésticas a cumprir (lavar roupa e cozinhar,

⁴ Videoclipe disponível no site: <https://www.youtube.com/watch?v=vPh-GPz2rWs>.

⁵ De acordo com pesquisa realizada no próprio site do *YouTube* no dia 19 de outubro de 2018.

⁶ Já ao iniciar da pesquisa é importante termos em mente que há um efeito universalizante no feminismo que, por vezes, leva a tê-lo por um pré-construído; um feminismo único e totalitário ou um feminismo do qual outros feminismos se derivariam. Nos comentários que colocam a música da cantora MC Carol como sendo ou não feminista não há uma especificação sobre qual feminismo ela pertence ou não pertence. Portanto, é importante pensar, no decorrer da presente pesquisa: em qual dos feminismos se enquadra o apontamento sobre a cantora? Seria o feminismo pregado pela mulher branca de classe média? pela mulher negra? pela mulher transsexual? De que feminismo se fala e em que momento ele aparece como universal?

que é o que segue na letra da música), estaria contribuindo para uma divisão justa de trabalho e não lhe caberia ser classificado como otário; enquanto que outra parcela do público feminista não apresenta incômodo com a presença do adjunto adnominal “otário”; portanto, para eles, esses versos **não produzem um efeito de contradição**.

Primeiramente, observei tal contradição vinda de amigos e colegas próximos, que diziam não gostar da música por conta do adjetivo “otário”. Depois, notei que era uma crítica que se expandia para além do meu círculo de amizade e não somente se enquadra na categoria feminista. Visto que assuntos polêmicos e de grande repercussão estão em constante circulação na internet, mais especificamente nas redes sociais, foram encontrados alguns dizeres em posts de *Facebook* e *Twitter* que confirmam essa hipótese. Vejamos:

No *tweet* representado pela figura 1, há a transcrição de um trecho da música, “Meu namorado é mó otário/ Ele lava minhas calcinhas”, usada para afirmar a hipótese levantada pelo usuário da rede de que se trata de uma música machista; pois, a partir do funcionamento dos sentidos colocados em oposição, percebemos se tratar de preposições antagônicas representadas por uma disjunção bicondicional, em que a música é machista se somente se o “cara” for otário por lavar calcinhas da namorada.



Figura 1 - *Tweet* do dia 23 de dezembro de 2016 com discordâncias da letra de MC Carol.
Fonte: *Twitter*⁷.

⁷ Disponível em: <<https://Twitter.com/JrEnki/status/812317549526478848>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

A figura 2 nos traz um *tweet* de 2018 em que é colocado em questão o porquê de MC Carol não ser enquadrada, assim como MC Diguinho⁸ em “Surubinha de leve”, como machista. Assim, vemos como exemplo o *tweet* de homem que coloca a música de MC Carol em comparação com uma música que faz apologia ao estupro:

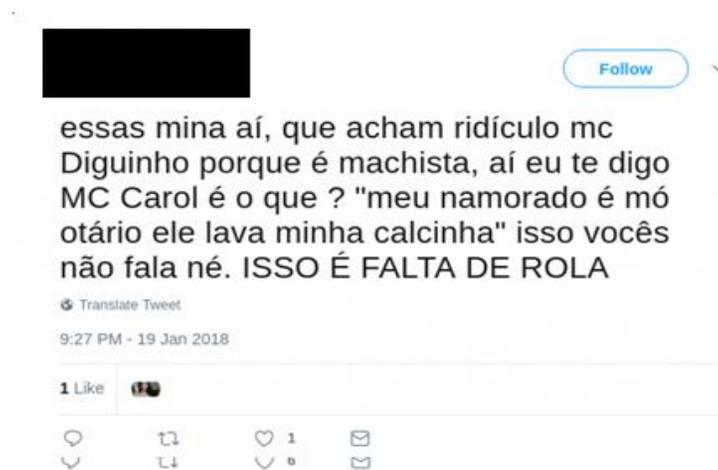


Figura 2 - *Tweet* do dia 19 de janeiro de 2018 com discordâncias da letra de MC Carol.
Fonte: *Twitter*⁹.

Já na figura 3, vemos o *post* de um homem que copia um trecho da música da MC e faz o seguinte questionamento: “Empoderamento feminino ou reprodução da lógica machista?”, seguido do link para a música “Meu namorado é mó otário”.

⁸ No período em que o *post* foi feito, MC Diguinho foi alvo de críticas sobre a letra de sua música intitulada “Surubinha de leve”. O trecho da música em que diz “Taca a bebida / Depois taca a pica / E abandona na rua” causou revolta nas redes sociais, dentre elas o *Twitter* em que circularam vários *tweets* sobre o cantor; alguns sobre a letra ser machista e fazer apologia ao estupro; já outros, relativizaram a questão e até mesmo compararam a letra da música “Surubinha de leve” de MC Diguinho com a letra da música “Meu namorado é mó otário” de MC Carol declarando que as duas canções são machistas. Com toda a repercussão, Youtube, Spotify, Deezer e Apple Music excluíram a música “Surubinha de leve” de suas plataformas (de acordo com o jornal *Gazeta do Povo*, disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/surubinha-de-leve-crime-ou-liberdade-de-expressao-156ktc52sr5b946690ww41ts9/>>. Acesso em: 20 de jun. 2018.); o que fez o cantor gravar uma nova versão para música.

No decorrer da pesquisa, passado o auge da polêmica, me deparei com a dificuldade de encontrar a música original, tanto o áudio quanto a letra, na internet. Ou seja, não só foi criada uma nova versão, como também foi censurada a versão original.

⁹ Disponível em: <<https://Twitter.com/Glanerzinho/status/954495462379311110>> . Acesso em: 18 jun. 2018.



Figura 3 - Postagem no facebook de 21 de novembro de 2014 questionando a letra de MC Carol.
Fonte: *Facebook*¹⁰.

O que vemos na figura 3 é o funcionamento de uma disjunção inclusiva, em que para o resultado da proposição ser verdadeiro basta que uma das proposições seja verdadeira. No caso dessa postagem em específico, o autor afirma que ambas as proposições são verdadeiras: "na verdade a pergunta é uma pegadinha... a vida não é tão dicotômica. Eu diria que ambas são verdadeiras! Em parte é empoderamento e em parte é machismo. Mas quero ver o que a galera acha!"¹¹. A pergunta que cabe para nós é: por que as duas afirmações?

Em seus posts, tanto no *Facebook* quanto no *Twitter*, o usuário em questão costuma fazer postagens sobre feminismo e em um de seus *tweets*, representado na figura 4, se autodeclara um homem feminista; o que o situa dentro do grupo de pessoas feministas que colocam a música “Meu namorado é mó otário” fora da esfera feminista.



¹⁰ Disponível em: <<https://www.facebook.com/claudio.magno.106/posts/800072920066469>>. Acesso em: 19 jun. 2018.

¹¹ Ver anexo A.

Figura 4 - *Tweet* do mesmo homem que fez o *post* representado na figura 3. Datado em 25 de novembro de 2012.
Fonte: *Twitter*¹².

Em relação aos que apoiam a letra da música, é possível encontrar maior número de posts. Em um deles, representado na figura 5, a usuária da rede social *Twitter* fez a seguinte postagem classificando a música de MC Carol, como hino feminista e a comparando com a música *Flawless*, que teve grande repercussão sobre público feminista¹³, da cantora Norte Americana Beyoncé:



Figura 5 - *Tweet* pró MC Carol, postado em 30 de julho de 2015.
Fonte: *Twitter*¹⁴.

Notamos que esse *tweet* traz uma construção comparativa (por conta do “é tipo”); a comparação da música de MC Carol, artista brasileira, com a música de Beyoncé, artista norte americana conhecida mundialmente, é a forma que a autora do *tweet* encontra para exaltar a música de MC Carol. Sendo assim, já que Beyoncé é uma artista reconhecida mundialmente por suas canções e sua pauta feminista, uma forma de elogiar MC Carol seria comparar as músicas das duas cantoras. Dessa forma, Mc Carol é elogiada por associação:

x “é tipo” y, que é muito bom. Portanto, x também é muito bom

¹² Disponível em: <<https://Twitter.com/spellboxxx/status/272700857081024512>>. Acesso em: 19 jun. 2018.

¹³ Exemplo disso é a tese da estudante britânica Molly Inglis sobre o feminismo presente nas letras das músicas de Beyoncé (Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/geral-39802868> >. Acesso em: 26 jun. 2018.), incluindo a música “*Flawless*” que apresenta um trecho da palestra intitulada “Todas deveríamos ser feministas” da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. Essa mesma música foi divulgada na revista “*Time*” em sua tradicional lista das 10 melhores músicas do ano (Disponível em: <<http://time.com/collection-post/3613567/top-10-best-songs/>>. Acesso em: 25 jun. 2018.).

¹⁴ Disponível em: <<https://Twitter.com/dibaraujo/status/626824453494804480>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

Ao marcar esse impasse e essa contradição na letra da música em apresentar ao público do funk um homem que cumpre tarefas domésticas e logo de imediato ligá-lo a um adjetivo pejorativo, essas pessoas nos trazem uma primeira questão problema, que é um problema, se é que assim o podemos chamar, que norteia a língua de modo geral. Trata-se do que a priori podemos tratar por polissemia. Ou seja, estamos sempre nos deparando com enunciados que apresentam mais de um sentido, mais de uma significação, aparente ou não, e isso pode e ocorre até mesmo dentro de uma mesma Formação Discursiva¹⁵ (FD), sempre levando em conta que somos seres atravessados pela história e pela ideologia¹⁶.

Se voltarmos à motivação da análise, podemos dizer que os que negam o termo *otário* estariam colocando essa música fora de uma possível FD feminista¹⁷ (PÊCHEUX, 1971)? ou a estariam colocando com ressalvas? e as pessoas que não se incomodam com a letra, não enxergam esse impasse ou não veem as contradições como algo excludente para uma Formação Discursiva?

Bom, nesta pesquisa não procuraremos saber o porquê das discordâncias entre essas pessoas do público feminista; porém, saber que ela existe e tencionar essa contradição, pode trazer reflexões importantes para os estudiosos da Língua visando opacizar e voltar cada vez mais no que a princípio se mostra como óbvio.

2.2. Oração reduzida justaposta, orações subordinadas adverbiais causais/ consecutivas e efeitos de sentido em disputa

Em vista disso, damos início à análise partindo do ponto em que o foco dessa contradição está no efeito de sentido da palavra *otário* dentro do verso e, conseqüentemente, dentro da letra da música. Primeiro, é preciso salientar que ao analisar os versos “Meu namorado é mó *otário*/ ele lava minhas calcinha” não podemos esquecer que se trata de uma oração

¹⁵ Aqui, temos Formação Discursiva como o conceito apropriado e reformulado por Pêcheux: “Chamaremos, então, *formação discursiva* [grifo do autor] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.)” (PÊCHEUX, 2014).

¹⁶ A que Althusser traz em seu livro “Aparelhos ideológicos de estado”: “[...] *toda ideologia interpela os indivíduos concretos como sujeitos concretos* [grifo do autor], pelo funcionamento da categoria de sujeito” (s.d.,p. 98-99).

¹⁷ Pensando em feminismos (no plural), ou seja, será que o questionamento direcionado a música de MC Carol está lhe “retirando” de dentro de uma formação discursiva que cabem os feminismos ou lhe “retira” de um feminismo específico?

reduzida justaposta, pois não há nenhum conectivo que ligue as duas orações (“Meu namorado é mó otário” e “ele lava minhas calcinha”); mas assumir a justaposição na sequência discursiva em questão não impede que façamos paráfrases em que operam orações subordinadas adverbiais causais e consecutivas, pois essas orações subordinadas, por serem justapostas, abrem margem para efeitos de sentido em que cabem causais e consecutivas. Assim sendo, de início, pode-se dizer que se trata de uma sentença equívoca, pois pode se tratar tanto de uma oração subordinada adverbial consecutiva quanto causal, vejamos:

Meu namorado é tão otário que lava minhas calcinha - **consecutiva**
 (causa) (consequência)

Meu namorado é muito otário porque lava minhas calcinha - **causal**
 (consequência) (causa)

Portanto, para tencionar a possibilidade de outros sentidos, recorreremos às relações parafrásticas que cada sentença possibilita fazer:

Tabela 1 - Consecutivas e causais:

Consecutiva	Causal
Meu namorado é tão otário que lava minhas calcinha	Meu namorado é muito otário porque lava minhas calcinha
Minha namorada é tão otária que lava minhas cueca	Minha namorada é muito otária porque lava minhas cueca

Antes de iniciarmos a análise das paráfrases apresentadas, é preciso que saibamos que dizer “muito” e “tão” otário não é mesmo que dizer “mó” otário; pois há uma argumentação escalar em “mó”, que seria o maior, que não funciona da mesma forma com “tão” e “muito”. Ao dizer “meu namorado é **mó** otário”, fazemos uso de um superlativo relativo de superioridade, colocando esse namorado como o maior de todos os otários. Já as paráfrases apresentadas na tabela 1 não apresentam esse funcionamento, visto que ao transformar a oração reduzida justaposta em orações subordinadas adverbiais causais/consecutivas não há como não retirar o superlativo “mó”, o que as distanciam do efeito de sentido apresentado na letra da música. Porém, apesar de distantes, esses efeitos de sentido produzidos pelas paráfrases causais e consecutivas são consideráveis e devem ser levadas em conta na análise.

Assim sendo, com a oração subordinada adverbial causal, esbarramos logo na primeira paráfrase, “Meu namorado é muito otário porque lava minhas calcinha”, com algo muito menos sutil do que o apresentado na consecutiva; aqui o efeito de sentido que liga o homem otário e o lavar calcinha é expressamente marcado, lavar calcinha é a causa de um homem otário.

Quanto à consecutiva, o que observamos é que por o ato de lavar calcinhas ser a consequência de um namorado otário, ao substituímos namorado por namorada (trocando desse modo o gênero) nota-se um funcionamento bem específico; pois ser otário em cada uma das sentenças está expondo efeitos de sentido diferentes. Em “Meu namorado é tão otário que lava minhas calcinha”, pode-se inferir que: aquele que é otário (o namorado) faz coisas (lavar calcinhas) para outra pessoa (a namorada) que deveria ser de responsabilidade dela, ou o homem que é otário lava as calcinhas da namorada. Agora, vejamos como ficaria ao inverter o gênero: “Minha namorada é tão otária que lava minhas cueca”, aquela que é otária (a namorada) faz coisas (lavar cuecas) para outra pessoa (o namorado) que deveria ser de responsabilidade dele, ou a mulher que é otária lava as cuecas do namorado. Se lermos essa paráfrase a partir de uma posição sujeito dominada feminista, não notamos um estranhamento em seu funcionamento na língua, mas, se lermos a mesma paráfrase a partir de uma posição sujeito dominada machista, perceberemos que há algo no interdiscurso¹⁸ que faz com que esse efeito de sentido não se encaixe tão bem quanto a paráfrase que apresenta uma mulher lavando cuecas do namorado.

Certamente há uma diferença entre as duas interpretações possíveis (causal e consecutiva), mas, se fizermos dessa a questão norteadora, correremos o risco de ficarmos presos a ela sem que seja feita uma pergunta anterior a esse conflito: porque lavar calcinha = otário e/ou otário = lavar calcinha parece mais próximo à figura masculina do que lavar cueca = otária e/ou otária = lavar cueca à figura feminina na memória discursiva mediante ideologia dominante?

Portanto, o *Twitter* é utilizado mais uma vez aqui como ferramenta de pesquisa: foram feitas duas buscas, uma com as palavras-chave “lavar cueca” e outra com “lavar calcinha” para ver quais as relações que as pessoas fazem em suas postagens com essas palavras específicas. Ao analisar os *tweets* resultantes da busca pelas palavras “lavar cueca”, foi possível perceber seis tipos de relações feitas pelos usuários da rede. A primeira associação e com menos ocorrências trata-se de usar o termo “lavar cuecas” como uma **ocupação** para aqueles que estão ociosos, que

¹⁸ “[...] pode-se dizer que o intradiscurso, enquanto “fio discurso” do sujeito, é, a rigor, um efeito do interdiscurso sobre si mesmo, uma “interioridade” inteiramente determinada como tal “do exterior” [...]” (PÊCHEUX, 2014, p.154).

é usado tanto para os homens: “você não tem o que fazer, vá lavar suas cuecas!”; quanto para mulheres: “você não tem o que fazer, vá lavar cuecas do seu marido/namorado!”. Vejamos exemplos:



Figura 6 – *Tweet* do dia 25 de junho de 2018 que tem “lavar cueca” como ocupação.
Fonte: *Twitter*¹⁹.



Figura 7 - *Tweet* do dia 19 de junho de 2018 que tem “lavar cueca” por ocupação.
Fonte: *Twitter*²⁰.

Com esses dois exemplos já é possível perceber que há uma diferença no funcionamento do possessivo quando se trata de um homem lavando cuecas e quando se trata de uma mulher lavando cuecas. Pois, quando o termo lavar cuecas por ocupação é usado para se dirigir a um homem, representado pela figura 6, o pronome possessivo “**suas**” tem o sujeito da ação como referente, indicando a voz reflexiva ao verbo “lavar”. Vejamos:

¹⁹ Disponível em: <https://Twitter.com/Mario_Lisboa/status/1011421806065061888>. Acesso em: 26 jun. 2018.

²⁰ Disponível em: <<https://Twitter.com/nraeot/status/1009165169933643777>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

SD: “**Eles** opinam em tudo mas não tem capacidade de lavar **suas cuecas**”

Eles = homens [referente]

suas = indica posse, com o possuidor na terceira pessoa do plural

cuecas = o que é possuído

Já quando se trata do termo lavar cuecas por ocupação sendo usado para se dirigir a uma mulher, o pronome possessivo “**suas**” tem como referente o homem/namorado, indicando que, diferente do primeiro caso, não há reflexividade. Ou seja, a ação (lavar cuecas) que a mulher desenvolverá não se refere a algo que lhe é próprio, mas a algo que pertence ao outro, seu namorado/marido/o homem:

SD: “Ah **vai** lavar **as cuecas** cagadas do Neymar e não enche o saco”

Paráfrase : “Ah **vá** lavar as **suas cuecas** cagadas, do seu namorado Neymar, e não enche o saco”

[tu] **Vai** ou [você] **vá** = a sentença exprime uma ordem, portanto está no modo imperativo em que “**vai**” ou “**vá**” é direcionado a uma mulher: Bruna Marquezine.

as/ suas = indica posse, com o possuidor na terceira pessoa do singular em que o referente é outro do apresentado na figura 6; pois, as cuecas não são de Bruna Marquezine e sim de seu namorado. Portanto não há reflexividade.

cuecas = o que é possuído

Também foram encontrados posts em que “lavar cueca” é sinônimo de **maturidade masculina**; lavar cuecas é característica do homem adulto, já as crianças, os pré-adolescentes e os adolescentes são “aqueles que nem lavam suas cuecas ainda”. Vejamos:



Figura 8 – *Tweet* do dia 21 de junho de 2018 que tem “lavar cueca” por maturidade masculina.

Fonte: *Twitter*²¹.



Figura 9 – *Tweet* do dia 21 de junho de 2018 que tem “lavar cueca” por maturidade masculina: não tem idade nem para x e quer y. Sendo x igual a lavar cuecas.

Fonte: *Twitter*²².

Com os *tweets* representados nas figuras 8 e 9, notamos que em ambos os casos há reflexividade; pois o sujeito é agente e paciente da ação verbal, ou seja, nos dois casos o sujeito lava “as próprias”²³ cuecas. A figura 9 representa um padrão que se repete em vários *tweets* que tratam de maturidade masculina e lavagem de roupa íntima masculina, representado pela construção:

Não tem idade nem para x e quer y, sendo x igual a lavar cuecas.

Outra relação encontrada foi “lavar cuecas” como **tarefa da mãe**. Em um dos *tweets*, representado pela figura 10, a mulher relata que seu namorado deixava cuecas para que sua mãe lavasse; esse *tweet*, em específico, chama atenção por, além de ter a figura materna como responsável pela lavagem de cuecas, essa figura materna ser ligada a outra figura feminina, já que a mãe que lava as cuecas é a mãe da namorada do homem que é dono delas. Já na figura 11, um jovem diz que suas cuecas e meias saíram cor de rosa dentro da máquina de lavar roupas, seguido por um “Valeu mãe...”; ou seja, a mãe é a responsável pela lavagem de suas roupas íntimas.

²¹ Disponível em: <<https://Twitter.com/guiza019/status/1009785698319204352>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

²² Disponível em: <<https://Twitter.com/loonatxc/status/1009829866731196416>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

²³ Construção que se repete nos *tweets* apresentados nas figuras 9 e 11.

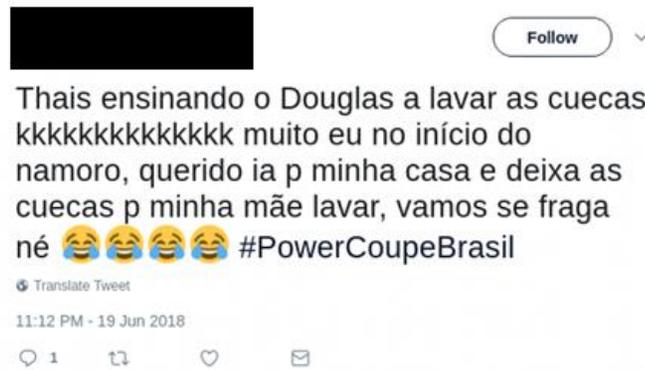


Figura 10 – *Tweet* do dia 19 de junho que tem “lavar cueca” por uma tarefa da mãe.
Fonte: *Twitter*²⁴.



Figura 11 – *Tweet* do dia 25 de junho de 2018 que tem “lavar cueca” por uma tarefa da mãe.
Fonte: *Twitter*²⁵.

No *tweet* representado pela figura 10 observa-se o uso da *hashtag* #PowerCoupeBrasil que refere-se ao *reallity show* de casais famosos, “*Power Couple Brasil*”²⁶, em que ocorreu de um namorado se dirigir a sua namorada para que ela lavasse suas cuecas, pois ele não sabia lavar. Também cabe ressaltar que nos dois *tweets*, em que lavar cuecas é uma tarefa da mãe, não há reflexividade; já que quem realiza a ação (lavar cuecas) não lava as suas próprias e sim as de outra pessoa.

²⁴ Disponível em: <<https://Twitter.com/ingrydbueno/status/1009257622401413121>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

²⁵ Disponível em: <<https://Twitter.com/DiegoAbdoon/status/1011190078641762304>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

²⁶ “Power Couple” é um *reality show* com uma proposta um pouco diferente do que estamos acostumados a ver no Brasil. Nesta atração, que no Brasil é exibida pela Record, onze casais famosos são confinados em uma casa e devem realizar desafios extremos para provar que conhecem bem um ao outro - formato importado de uma emissora israelense” (Disponível em: <https://gente.ig.com.br/tvenovela/2017-06-12/power-couple-brasil.html>. Acesso em: 26 jun. 2018).

O **ensino** à lavagem da roupa íntima masculina também foi sugerido por uma usuária da rede; porém não é especificado a quem cabe o ensino de tal tarefa, ao contrário de quem deve ser ensinado:



Figura 12 – *Tweet* do dia 19 de junho de 2018 que tem “lavar cueca” por algo que deve ser ensinado aos homens.
Fonte: *Twitter*²⁷.

O *tweet* representado pela figura 12 não menciona se cabe a uma mulher ou a um homem a tarefa de ensinar a lavar cuecas, mas deixa evidente que quem precisa ser ensinado é um indivíduo do sexo masculino (filhos e netos) e a lavar as suas próprias cuecas, não a dos outros ou outras. Sendo assim, é passível de afirmação que há o pré-construído²⁸ de que os homens são aqueles que não lavam suas próprias cuecas e, portanto, precisam ser ensinados a realizar tal tarefa.

Já a relação de maior ocorrência com a palavra-chave “lavar cueca” foi relacionada à **tarefa de uma mulher dentro de um relacionamento afetivo com um homem** (namoro, casamento e afins); algumas reforçando que a mulher a faça, outras questionando a razão de um homem adulto não a cumprir. Talvez o grande número de resultados a respeito se tenha dado por conta da repercussão do caso que se passou no *reallity show* “*Power Couple Brasil*”. Vejamos dois exemplos:

²⁷ Disponível em: <https://Twitter.com/laura_csb/status/1009258170877992962>. Acesso em: 26 jun. 2018.

²⁸ Entende-se o termo “pré-construído”, proposto por P. Henry, “para designar o que remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é “construído ” pelo enunciado.[...] [Ou seja, é] como se esse elemento já se encontrasse aí [grifo do autor]” (PÊCHEUX, 2014, p. 89).



Figura 13 – *Tweet* do dia 19 de junho que tem “lavar cueca” por uma tarefa da esposa/namorada.
Fonte: *Twitter*²⁹.

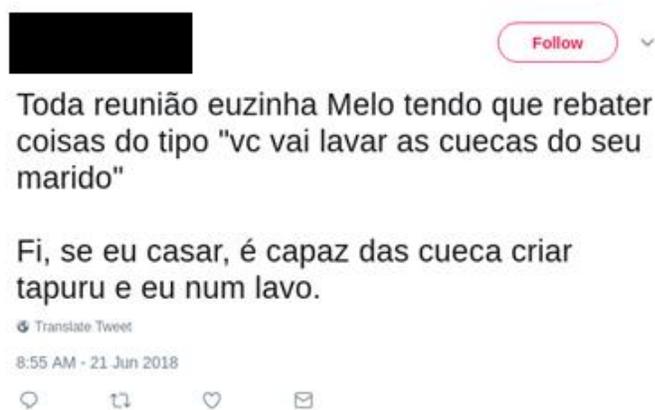


Figura 14 – *Tweet* do dia 21 de junho que tem “lavar cueca” por uma tarefa da esposa/namorada.
Fonte: *Twitter*³⁰.

Na figura 13 observamos como o “não dito”³¹ está atuando na memória discursiva através do *tweet* em forma de pré-construído, visto que quando a autora do *tweet* afirma que quer um homem que saiba lavar as próprias cuecas, temos o pré-construído de que os homens são tidos como os que não lavam as próprias cuecas. Também vemos novamente o uso do adjetivo “próprias” marcando voz reflexiva; neste caso, a ausência dela, uma vez que eles (os homens) não lavam as próprias cuecas, portanto não há reflexividade. Outra questão a ser colocada é: Por que o motivo de essa mulher nunca ter se casado implica em querer um homem que saiba lavar as próprias cuecas? Aqui vemos, além do funcionamento do pré-construído “quero um homem que saiba lavar as próprias cuecas” (em que, interdiscursivamente, os homens são aqueles que não

²⁹ Disponível em: <<https://Twitter.com/Luanna7aries/status/1009257819609198595>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

³⁰ Disponível em: <<https://Twitter.com/vekanandra/status/1009766752459292672>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

³¹ PÊCHEUX, 2014.

lavam as próprias cuecas), como o casamento traz consigo a ideia de que as mulheres são as que lavam as cuecas de seus maridos, que não sabem lavar e/ou não lavam as próprias cuecas.

Em seguida, na figura 14, notamos que o discurso de que a mulher é a responsável por lavar as cuecas do marido se mantém, ao passo de que a autora do *tweet* diz rebater tais comentários (“você vai lavar as cuecas do seu marido”) afirmando que, se ela casar, as cuecas podem “criar” tapuru (larva de mosca) e ela não lavará. Também devemos nos atentar ao uso da partícula ‘se’ na SD “Fi, se eu casar, é capaz das cueca criar tapuru e eu não lavo” funcionando como uma oração subordinativa condicional; desta forma, assim como o *tweet* representado pela figura 13, a autora se distancia do ato de casar-se, colocando o casamento como uma condição (“se eu casar”) ao não usar uma conjunção subordinativa adverbial temporal (**quando** eu casar), por exemplo.

Por fim, foi encontrada uma associação que está relacionada à **classe social dominada**, como se observa na figura 15:

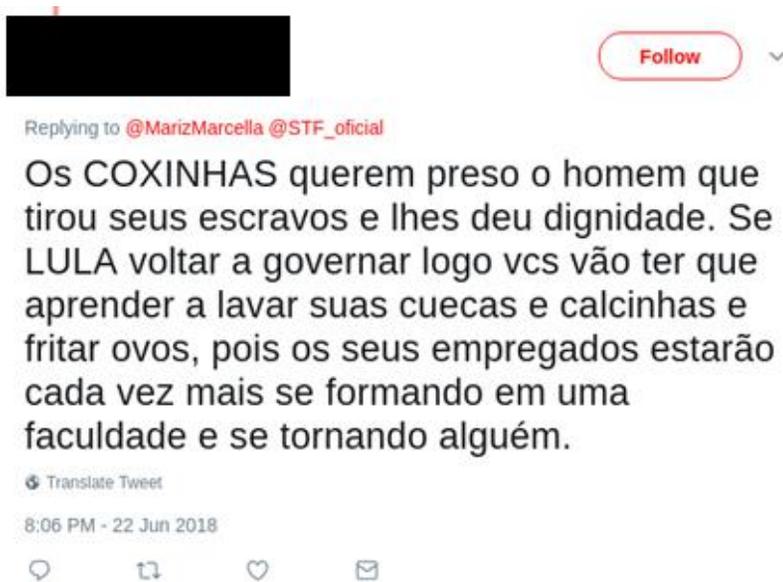


Figura 15 - *Tweet* do dia 22 de junho de 2018 em que há uma associação entre lavar cuecas/calcinhas e classe social. Fonte: *Twitter*³².

Nessa postagem o usuário do *Twitter* afirma que as pessoas pertencentes a uma classe social alta teriam que futuramente aprender a lavar suas roupas íntimas (tanto cuecas quanto calcinhas) caso o ex presidente Luiz Inácio (popularmente conhecido como Lula) voltasse a governar, pois seus empregados (cabe empregados homens e empregadas mulheres), que seriam os responsáveis por essas tarefas no presente, não desempenhariam mais esse papel. Assim sendo,

³² Disponível em: <<https://Twitter.com/EliasCabreira/status/1010298123619577858>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

conclui-se que nessa relação feita com as palavras-chave “lavar cueca” há um recorte de classe; pois, os homens e mulheres de uma classe social dominada que aparecem lavando, tanto cuecas quanto calcinhas, não lavam as próprias, mas sim as roupas íntimas dos outros que pertencem a uma classe social dominante.

Na tabela 2 vemos a distribuição de cada associação feita com as palavras-chave “lavar cueca”, quando se espera que **o homem lave cuecas** e quando há reflexividade na ação, ou seja, quando ele lava as próprias cuecas (✓ se a resposta for sim; ✗ se a resposta for não; e — se a resposta à primeira pergunta for negativa):

Tabela 2 - Relações encontradas com as palavras-chave “lavar cueca”, quando o homem lava e se há reflexividade.

Lavar cueca		
	É o homem que lava?	Há reflexividade (lava as próprias cuecas)?
Ocupação	✓	✓
Maturidade masculina	✓	✓
Tarefa da mãe	✗	—
Ensino	✓	✓
Relacionamento afetivo heterossexual	✗	—
Classe social dominada	✓	✗

Enquanto que a tabela 3 aponta a distribuição de cada associação feita com “lavar cueca”, quando se espera que **a mulher lave cuecas** e quando há reflexividade na ação, ou seja, quando ela lava as próprias cuecas (✓ se a resposta for sim; ✗ se a resposta for não; e — se a resposta à primeira pergunta for negativa):

Tabela 3 - Relações encontradas com as palavras-chave “lavar cueca”, quando a mulher lava e se há reflexividade.

Lavar cueca		
	É a mulher que lava?	Há reflexividade (lava as próprias cuecas)?
Ocupação	✓	✗
Maturidade masculina	✗	—
Tarefa da mãe	✓	✗
Ensino	✗	—

Relacionamento afetivo heterossexual	✓	✗
Classe social dominada	✓	✗

Ao analisar a tabela, verificamos que o número de vezes em que as mulheres aparecem realizando a ação é mesmo dos homens, quatro vezes; porém as mulheres nunca aparecem lavando as próprias cuecas, mas sim as cuecas dos homens. No entanto, na tabela 2, constatamos que de todas as situações em que os homens lavam cuecas, eles só não aparecem lavando as próprias peças de roupas íntimas quando se trata de homens pertencentes a uma classe social dominada lavando cuecas de homens (ou mulheres) da classe social dominante.

No que concerne a busca com as palavras-chave “lavar calcinha”, foram encontradas apenas quatro relações distintas. A primeira relação feita com essas palavras foi a já apresentada anteriormente com a figura 15, sobre **classe social dominada**, em que os empregados (homem e mulher) é que são responsáveis pela lavagem das roupas íntimas de homens e mulheres da classe social dominante. “Lavar calcinha” também aparece relacionado à **ocupação** e **maturidade feminina**, como podemos observar nas figuras 16 e 17 respectivamente:



Figura 16 - *Tweet* do dia 9 de maio de 2018 que tem “lavar calcinha” por ocupação.
Fonte: *Twitter*³³.

³³ Disponível em: <<https://Twitter.com/floraisa/status/994072523112402944>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

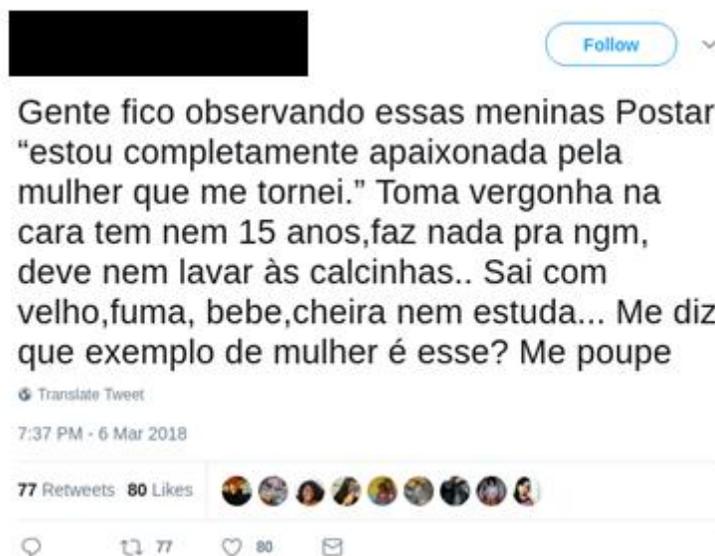


Figura 17 - *Tweet* do dia 6 de março que tem “lavar calcinha” por maturidade feminina.
Fonte: *Twitter*³⁴.

Nos dois casos é a mulher que está encarregada de realizar essa tarefa. No entanto, “lavar calcinha” aparece relacionada a uma **tarefa masculina dentro de um relacionamento afetivo com uma mulher**, mas somente quando se trata de trechos ou discussões sobre a música “Meu namorado é mó otário” de MC Carol:



Figura 18 – *Tweet* do dia 20 de março de 2016 que tem “lavar calcinha” por uma tarefa do marido/namorado.
Fonte: *Twitter*³⁵.

³⁴ Disponível em: <<https://Twitter.com/Talitabraba/status/971152795712843777>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

³⁵ Disponível em: <<https://Twitter.com/naosejatrouxa/status/711701817483206656>>. Acesso em: 26 jun. 2018.



Figura 19 – *Tweet* do dia 14 de março de 2016 que tem “lavar calcinha” por uma tarefa do marido/namorado.
 Fonte: *Twitter*³⁶.

Na tabela 4 vemos a distribuição de cada associação feita com “lavar calcinha”, quando se espera que **a mulher lave calcinhas** e quando há reflexividade na ação, ou seja, quando ela lava as próprias calcinhas (✓ se a resposta for sim; ✗ se a resposta for não; e — se a resposta à primeira pergunta for negativa):

Tabela 4 - Relações encontradas com as palavras-chave “lavar calcinha”, quando a mulher lava e se há reflexividade.

Lavar calcinha		
	É a mulher que lava?	Há reflexividade (lava as próprias calcinhas)?
Classe social dominada	✓	✗
Ocupação	✓	✓
Maturidade feminina	✓	✓

³⁶ Disponível em: <<https://Twitter.com/vavavoomers/status/709559987614384128>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

Relacionamento afetivo heterossexual*	X	—
--	----------	---

*Somente foi encontrado na busca feita com as palavras-chave “lavar calcinha” com alguma relação à música “Meu namorado é mó otário” de MC Carol.

Enquanto que na tabela 5 temos as relações feitas com as palavras-chave “lavar calcinha”, quando se espera que **o homem lave calcinhas** e quando há reflexividade na ação, ou seja, quando ele lava as próprias calcinhas (✓ se a resposta for sim; X se a resposta for não; e — se a resposta à primeira pergunta for negativa):

Tabela 5 - Relações encontradas com as palavras-chave “lavar calcinha”, quando o homem lava e se há reflexividade.

Lavar calcinha		
	É o homem que lava?	Há reflexividade (lava as próprias calcinhas)?
Classe social dominada	✓	X
Ocupação	X	—
Maturidade feminina	X	—
Relacionamento afetivo heterossexual*	✓	X

*Somente foi encontrado na busca feita com as palavras-chave “lavar calcinha” com alguma relação à música “Meu namorado é mó otário” de MC Carol.

Ao analisar as associações feitas tanto com “lavar cueca” quanto com “lavar calcinha”, notamos que, no material, as mulheres aparecem como as que lavam cuecas dos homens quando se trata de uma **ocupação**, de uma **tarefa que é desempenhada pela mãe**, de um **relacionamento afetivo heterossexual** e de uma **classe social dominada**, também como as que lavam calcinhas de outras mulheres quando estão em uma **classe social dominada**; todas essas são ações em que não há reflexividade. Enquanto que ao analisar os *tweets* em que os homens desempenham a tarefa de lavar calcinhas, algumas categorias são eliminadas por não constarem no material, são elas a **tarefa do pai** (equivalente à tarefa da mãe) e o **ensino** (essa categoria também não consta nem em uma situação em que a mulher seria responsável pelo ensino), restando apenas duas categorias em que os homens são responsáveis por lavar calcinha, a **classe social dominada** e o **relacionamento afetivo heterossexual**, que só aparece relacionado a música “Meu namorado é mó otário” de MC Carol. Os homens também aparecem como os que lavam as cuecas de outros homens em **classe social dominada**, em que não há reflexividade na ação.

Posto isso, a análise dos *tweets* confirma que não há simetria entre lavar calcinha e lavar cueca; já que lavar cueca é uma tarefa diversas vezes ligada também à figura feminina, enquanto que lavar calcinha só apresenta o homem desempenhando tal tarefa em duas categorias, uma que passa por um recorte de classe e uma em que a cantora MC Carol é a responsável por trazer para o campo do dizível³⁷.

Portanto, alguns questionamentos se fazem necessários: o que essa materialidade discursiva (PÊCHEUX, 2014) está querendo nos apontar dentro da memória discursiva (COURTINE, 1999)? Ao vermos as palavras-chave "lavar calcinha" e "lavar cueca" relacionadas, na maioria das vezes, à figura feminina, isso estaria apontando no interdiscurso uma formação discursiva dominante em que as mulheres são colocadas em posição de submissão (uma FD machista, por exemplo)? há uma naturalização desses discursos (em que a mulher é incumbida de lavar roupas) mediante a formação discursiva dominante?

Se prestarmos atenção à letra da música, perceberemos que MC Carol não traz o discurso naturalizado da mulher que lava roupa (íntima). Ao invés disso, a música "Meu namorado é mó otário" apresenta um homem como responsável por realizar a ação de lavar calcinhas da namorada e, ao verificarmos os *tweets*, observamos que fora da discursividade da música essa prática não é relatada. Portanto, estaria MC Carol dando visibilidade a uma FD dominada (feminista) em detrimento de uma FD dominante (machista)?

Após observarmos como se relacionam os termos "lavar cueca" e "lavar calcinha", voltamo-nos para os versos "Meu namorado é mó otário/ Ele lava minhas calcinhas" da música de MC Carol, partindo da premissa de que o adjunto adnominal "mó otário" está qualificando "namorado" e que no verso seguinte a anáfora "ele" retoma "namorado", mais especificamente o por que desse namorado ser otário, iniciaremos analisando 'ele', ou seja, o namorado/ o homem.

O fato de ser um homem lavando roupa íntima causa um efeito de sentido que é responsável por um estranhamento, pois tem algo que é da "memória discursiva" (COURTINE, 1999) que sugere que a figura feminina é que é designada para tal tarefa, como foi observado ao analisar os *tweets* em apareciam as palavras-chave "lavar cueca" e "lavar calcinha". Podemos dizer isso, partindo do conceito de memória apresentado por Courtine

³⁷ PÊCHEUX, 2014.

[...] esse processo da anulação de Clémentis, de perda referencial, recalque, apagamento da memória histórica que deixa, como uma estreita lacuna, a marca de seu desaparecimento, mesmo que se coloque aqui em jogo a materialidade não-linguística de um documento fotográfico, é, antes de tudo, na *ordem do discurso* [grifo do autor] que ele se é produzido (1999, p. 15-16).

Então, substituamos “namorado” por “namorada” e “calcinha” por “cueca”:

Tabela 6 – substituição de “namorado” por “namorada” e “calcinha” por “cueca”.

Meu namorado é mó otário/ Ele lava minhas calcinha
Minha namorada é mó otária/ Ela lava minhas cueca

Notamos que, mediante memória discursiva que tem a formação discursiva machista como ideologia dominante e que, portanto é responsável pela naturalização de sentidos como o de a mulher ser responsável por realizar tarefas domésticas (por exemplo), acaba por culminar que em um relacionamento heterossexual seja esperado que a mulher lave as cuecas, o que não costuma caracterizá-la como uma otária. O que seria diferente se o que tivermos for relacionado a memória discursiva tendo como formação discursiva a feminista, em que cabe caracterizar a mulher que lava cuecas como uma otária, mas não trataremos aqui por esse viés, por se tratar de uma ideologia dominada e por aparecer poucas vezes no material apresentado.

Assim dizendo, esse enunciado causa um estranhamento, não por quem está realizando a tarefa doméstica, mas sim por tal pessoa ser qualificada como otária; pois, como apresentado nas tabelas 2, 3, 4 e 5, a lavagem de roupas íntimas na grande maioria das vezes está relacionada à figura feminina. Talvez o que tenhamos aqui seja a confirmação do funcionamento dessa memória discursiva, visto que esse efeito de sentido (a condição de ser otário) só funciona quando se trata de um homem lavando a roupa de uma mulher³⁸.

Memória discursiva esta que podemos confirmar em trabalhos acadêmicos e artigos como “Amélia que era mulher de verdade?” e “A arte de ser Beija-Flor na tripla jornada de trabalho da mulher”. Neste último, as autoras vão tratar da sucessiva busca por qualificação e do crescimento da mulher no mercado de trabalho em contrapartida com as responsabilidades domésticas e de cuidado dos filhos que permanecem como exclusivas do sexo feminino. Nessa pesquisa qualitativa

³⁸ Mediante memória discursiva em que a formação discursiva é machista.

foi possível identificar pelos relatos o início de uma reformulação da estrutura familiar, contudo, como observa Girão (2001), continua recaindo sobre as mulheres o ônus dessa reestruturação, pois, mesmo assumindo funções técnicas no mercado de trabalho, elas ainda se sentem responsáveis pelas funções do lar e muitas resistem à ideia de delegação das tarefas domésticas, o que dificulta o estabelecimento de novas formas de relação e as faz definir as ações do marido como de “apoio” e não de compartilhamento. Neste caso, a “tripla jornada”, o “acúmulo” ou a “conciliação de tarefas” é entendido pelas próprias mulheres como “um apêndice do trabalho assalariado” (HIRATA e KERGOAT, 2007, p. 599 apud VIEIRA e AMARAL, 2013, p. 409-410).

Além disso, no relato de uma das mulheres é notável que os saberes domésticos não só são ensinados desde cedo às mulheres como também são de seu encargo a coordenação desses trabalhos: “Eu sou mãe de uma adolescente de 15 anos. Então, faço questão de acompanhar sempre que precisa. Eu não tenho que cozinhar e lavar. Eu não tenho essas responsabilidades, mas eu tenho que coordenar essas atividades.” (fala de uma das mulheres entrevistadas, VIEIRA e AMARAL, 2013, p. 409). Também sobre isso, a tese de Neves 2017 pontua que

desde pequenas, as mulheres são socializadas no trabalho doméstico ao lado de suas mães que lhes ensinam variadas tarefas que são conciliadas no dia – a – dia: cozinhar, lavar, passar, costurar, limpar a casa e cuidar das crianças menores. Também lhes inculcam os papéis de mãe e esposa como natural e promotora de realização pessoal. Cegos a diferença entre os sexos, seus pais oferecem uma visão parcial da realidade e idealizam a configuração da família burguesa (p.107).

Ou seja, as tarefas domésticas são ensinadas de geração em geração, de mãe para filha e quando a mulher não pode cuidar da casa e nem tem uma filha para atribuir tal função, é a empregada doméstica que vai se dedicar a limpeza:

Outro aspecto consensualmente revelado nas entrevistas é que, para conciliarem os novos papéis com as exigências do tradicional modelo familiar, as mulheres continuam a adotar o mecanismo de buscar o apoio de uma empregada doméstica, citada com[o] “uma pessoa amiga”, até mesmo como “membro da família” (VIEIRA e AMARAL, 2013, p. 410),

o que indica que as tarefas domésticas estão intimamente ligadas ao sexo feminino na memória discursiva, pois a divisão de tarefas entre os gêneros é raramente citada e quando uma das mulheres menciona que seu companheiro faz as compras no supermercado, ela relata tal feito como uma ajuda a ela que teria essa responsabilidade e mais outras e não como uma atividade que é de igual responsabilidade dos dois.

2.3. Subvertendo os chamados “papéis de gênero”

Porém, assim como na música de MC Carol, há uma discursividade que visa subverter a imagem da mulher incumbida de exercer tarefas domésticas. Como exemplo, temos a seguinte charge:



Figura 20 – Charge “Lugar de mulher é no tanque”.
Fonte: blog Words of leisure³⁹.

O título da charge, “Lugar de mulher é no tanque”, chama atenção por ser um enunciado em que se percebe como a mesma frase pode atuar de forma completamente diferente conforme a formação discursiva a qual está inserida. Esse enunciado fora do contexto da tirinha, tal qual costuma ser proferido, está no imaginário interdiscursivo como forma de exaltar a servidão da mulher perante o homem, sendo assim, as paráfrases possíveis nesse campo discursivo são:

³⁹ (Disponível em: <<https://wordsofleisure.com/2013/06/04/tirinha-do-dia-lugar-de-mulher-e-no-tanque/>>. Acesso em: 28 nov. 2017).

Tabela 7 – Paráfrases em que o efeito de sentido de “tanque” é o de “tanque de lavar roupas”.

Lugar de mulher é no tanque
1. Lugar de mulher é no tanque de lavar roupas
2. Lugar de mulher é na pia
3. Lugar de mulher é no fogão
4. Lugar de mulher é lavando o banheiro

É notável que os trechos “no tanque de lavar roupas”, “na pia”, “no fogão” e “lavando o banheiro” funcionam como uma metonímia, selecionando a parte pelo todo, em que “no tanque”, de maneira geral, funciona designando que o lugar da mulher é no serviço doméstico. Já ao olhar para a charge percebemos que tais paráfrases não cabem dentro de tal formação discursiva, mas outras lhe são possíveis:

Tabela 8 - Paráfrases em que o efeito de sentido de “tanque” é o de “tanque de guerra”.

Lugar de mulher é no tanque
1. Lugar de mulher é no tanque de guerra
2. Lugar de mulher é na guerra
3. Lugar de mulher é no trabalho
4. Lugar de mulher é onde ela quiser

A segunda paráfrase dialoga com o desenho na charge, sendo que o tanque simbolizado não é um tanque de lavar roupas e sim um tanque de guerra; portanto, se lugar de mulher é no tanque (de guerra), lugar de mulher é na guerra. Essa discursividade permite que o “lugar de mulher” seja outro além do ambiente doméstico de afazeres; possibilitando a terceira e quarta paráfrase. Sendo a última, “Lugar de Mulher é onde ela quiser”, muito atrativa por estar inserida em discursos da militância feminista e ir de encontro com a expressão popular que vê a figura feminina como a encarregada pelo serviço doméstico.

Sendo assim, podemos afirmar que na charge é o desenho o responsável por mostrarnos que há mais de um efeito de sentido funcionando no mesmo enunciado; notamos, desta maneira, um enunciado idêntico funcionando em discursividades distintas. Ao que se sucede,

vemos a expressão “Bora, que eu estou doida para a lavar roupa suja” dialogando com as duas formações discursivas apresentadas acima. Ora, se lugar de mulher é no tanque de lavar roupas, ela estaria doida para desempenhar “sua função” lavando roupa suja. Assim como também é possível em outra discursividade que: se lugar de mulher é no tanque de guerra, ela estaria doida para resolver problemas (“entende-se problemas” por resolver desavenças, dizer umas verdades, ou brigar), que é a esfera em que essa expressão costuma circular.

Uma possibilidade:

Tabela 9 - Paráfrases em que o efeito de sentido de “lavar roupa suja” remete a “tanque de lavar roupas”.

Bora, que eu estou doida para lavar roupa suja
Bora, que eu estou doida para lavar a roupa que está suja
Bora, que eu estou doida para lavar a roupa que sujou

Outra possibilidade:

Tabela 10 - Paráfrases em que o efeito de sentido de “lavar roupa suja” remete a “tanque de guerra”.

Bora, que eu estou doida para lavar roupa suja
Bora, que eu estou doida para resolver problemas
Bora, que eu estou doida para falar umas verdades

Nota-se que as duas expressões populares dialogam entre si e entre FDs diferentes e é esse jogo com o interdiscurso e memória discursiva que causam humor e reflexão no interlocutor. Sobre esse funcionamento, próprio da língua e muito utilizado para efeito de humor, poético e literário, Pêcheux traz em *Metáfora e interdiscurso*

que nessa perspectiva, o interdiscurso, longe de ser efeito integrador da discursividade torna-se desde então seu princípio de funcionamento: *é porque* [grifo do autor] os elementos da sequência textual, funcionando em uma formação discursiva dada, podem ser importados (meta-forizados) de uma sequência pertencente a *uma outra* [grifo do autor] formação discursiva que as referências discursivas podem se construir e se deslocar historicamente (PÊCHEUX, 2012, P. 158).

Assim vemos que o sentido não é único, já que o enunciado por si só é carregado de ambiguidade e a imagem, reitero, é que é responsável por nos revelar a formação discursiva em que a charge está inserida. Sendo assim, a Análise de Discurso assume que não há um sentido

primeiro do qual os outros sentidos se derivariam; todos esses sentidos (co)existem e estão em disputa.

É importante salientar que o “bora” no início da fala que vemos no balãozinho da mulher que dirige⁴⁰ o tanque trata-se de uma interjeição apelativa, que costuma ser usada para interpelar o interlocutor ou, no caso, locutor, chamando-o a realizar alguma ação. Quem está sendo interpelado na charge em questão? Um público feminino? Um público masculino? Essa questão é importante, pois de acordo com o gênero ao qual a charge interpelará haverá um sentido em disputa diferente. Mediante a isso, é passível de afirmação que um sentido possível para “bora, que eu estou doida para lavar roupa suja” endereçado ao público feminino, pode se tratar de uma chamada à outras mulheres para ajudar a resolver esses problemas pendentes que a mulher representada na charge aparenta ter, quando endereçado ao público feminino. Já quando endereçado ao público masculino, esse “bora, que eu estou doida para lavar roupa suja” pode se tratar de um chamamento a um embate. Se “eu” (mulher representada na charge que interpela a alguém) estou doida para lavar roupa suja (no sentido de resolução de problemas), portanto “bora” (tendo o homem como o interpelado) resolver tais problemas, seja em um embate político, no âmbito da discussão (em que caberiam paráfrases como “vou passar por cima dos seus argumentos” e “vou bombardear seus argumentos”, por conta da representação do tanque de guerra na figura), seja no embate corporal, que é o que o campo semântico ao qual o tanque de guerra pertence. Assim, podemos assimilar, mediante ao gênero ao qual a interpelação é feita, um chamamento dessa mulher representada na charge a outras mulheres para lutarem ao seu lado ou um chamado dela para um enfrentamento direto com os homens. O segundo sentido em disputa apresentado, ao qual se remete ao público masculino, pode não se tratar de um homem ou de homens, mas do patriarcado em si.

2.4. A calcinha como materialidade histórica

Vimos que há diferença no sentido quando qualificamos cada gênero como otário por realizar tarefas domésticas, mas e a calcinha? lavar calcinhas tem o mesmo efeito de sentido que lavar roupas? Vejamos:

⁴⁰ Aqui conferimos à figura em cima do tanque a identidade feminina por marcar gênero em sua fala ao aliar o complemento “doida” ao predicativo “estou”.

<u>Ele</u> lava minhas calcinha
Ele lava minhas roupas
Meu namorado lava minhas roupas

No momento em que trocamos o sintagma calcinha por roupa há um primeiro estranhamento; pois, embora a calcinha seja uma peça de roupa, ela tem um peso muito grande na construção desse enunciado que não seria sentido caso esse sintagma fosse trocado por qualquer outro da categoria pertencente às roupas. Isso talvez ocorra por a calcinha ser uma peça de roupa íntima e estar, muitas vezes, relacionada ao sexo feminino na memória discursiva, além de estar em contato com a genitália da mulher (seja ela cis ou transgênero) e, portanto, estar em contato com as secreções e a menstruação. Exemplo disso é o *tweet* representado na figura 21, ao qual calcinha e menstruação são associadas pelo usuário da rede social *Twitter*:



Figura 21 – *tweet* em que calcinha e menstruação são relacionadas.
Fonte: *Twitter*⁴¹.

Essa ligação entre a calcinha e a intimidade feminina também fica explícita quando ouvimos expressões do tipo “você não lava nem as suas calcinhas” direcionadas às meninas e mulheres. Pois, além do “nem” estar funcionando como um advérbio de negação, ele também

⁴¹ Disponível em: <<https://Twitter.com/yurigor1/status/1011246178095321088>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

serve como um intensificador através da dupla negativa. Ora, se “você” não lava “nem” as suas calcinhas, que é algo que está intimamente ligado ao seu gênero, o que mais “você” é capaz de fazer?

Além dessa, é possível fazer outra relação com o lavar calcinha, essa relação talvez se distancie do efeito de sentido apresentado na letra da música, porém essa prática é considerável no que diz respeito à materialidade histórica da calcinha. Tal relação consiste na lavagem da peça de roupa íntima feminina ligada a jogos sexuais fetichistas estabelecidas em relações sadomasoquistas, por exemplo, em que o sádico tem seu prazer realizado na dominação a partir do sofrimento e constrangimento do masoquista, que tem o seu prazer realizado em ser dominado pelo sádico. Nesse meio, uma mulher sádica (dominadora) pode fazer com que o homem masoquista (que está em posição de dominação) lavar as suas calcinhas como um de seus jogos sexuais, dessa forma o prazer dos dois estaria na humilhação do homem em contraponto com o emporamento da mulher fetichista. Exemplo disso é o trecho retirado do livro “Eu, Dommenique”, em que a dominadora narra o que fazia com um de seus escravos sexuais:

Nos primeiros dias, eu mandava que ele lambesse e massageasse meus pés e me servisse oralmente depois de lavar minhas calcinhas sujas e limpar todos os meus sapatos - com a língua enorme. Alguns encontros depois, não andava a não ser de quatro na minha presença, rebolando aquela bunda carnuda pra lá e pra cá. Logo já usava uniforme de empregada e uma calcinha minúscula enterrada” (2012, p. 34).

Nesse material, a calcinha e o lavar calcinhas partilham de um campo discursivo que pertence ao erótico e que, portanto, não se encaixa nos discursos que apresentam o homem que lava calcinha como o que divide tarefas domésticas.

2.5. Sobre MC Carol e sua posição sujeito

MC Carol (Carolina de Oliveira Lourenço), mulher cisgênero negra de 24 anos, nascida na cidade de Niterói, no estado do Rio de Janeiro e moradora do Morro do Preventório, iniciou sua carreira musical no ano de 2010. Dentre o repertório da cantora, destacam-se no início de sua carreira as músicas “Bateu uma onda forte”, “Meu namorado é mó otário” (recorde de visualizações dentre as músicas de MC Carol, a música conta com mais de 7,8 milhões de *views*), “Jorginho me empresta a 12” e “Liga pra Samu”, em geral, suas músicas apresentam um

conteúdo cômico e sensual⁴². Em 2015, MC Carol, inova lançando a música “Não foi Cabral”⁴³, em que toma um posicionamento contrário perante o ensino de história do Brasil pautada em uma visão eurocêntrica⁴⁴: “Professora me desculpe/ Mas agora vou falar/ Esse ano na escola/ As coisas vão mudar// Nada contra ti/ Não me leve a mal/ Quem descobriu o Brasil/ Não foi Cabral [...]”, a música segue com a cantora pontuando a morte de indígenas causadas mediante colonização (“[...] Treze Caravelas/ Trouxe muita morte/ Um milhão de índio/ Morreu de tuberculose [...]”); a figura de Zumbi dos Palmares e Dandara dos Palmares (“[...] Zumbi dos Palmares/ Vítima de uma emboscada/ Se não fosse a Dandara/ Eu levava chicotada [...]).

O estilo musical do início da carreira de MC Carol segue em meio a músicas com pautas políticas como é o caso de “Delação premiada”, lançada em 15 de julho de 2016, que trata da truculência policial nas favelas contrapondo o tratamento de bandidos pobres com o de bandidos ricos: “Três dias de tortura numa sala cheia de rato/ É assim que eles tratam o bandido favelado/ Bandido rico e poderoso tem cela separada/ Tratamento VIP e delação premiada”. A cantora também traz recortes de reportagens sobre um adolescente baleado por policiais (“Uma câmera de segurança flagrou um adolescente sendo baleado a queima roupa por policiais”) e o trecho de uma fala de Maria de Fátima Silva, a mãe do dançarino Douglas Rafael da Silva Pereira, o DG do Bonde da madrugada⁴⁵: “Por que que tinha luva no local antes da perícia chegar? Por que que tinha sangue no muro? Ele foi torturado até a morte/ DG do bonde da madrugada/ pela PM da pacificação/ até a morte” e reforça em outros versos da música, não só a morte do

⁴² Como a própria cantora afirma em entrevista para o *Diário Catarinense*. Disponível em: <http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2016/07/20/internas_viver,656212/mc-carol-nao-quer-ser-vista-so-como-cantora-de-proibidao-e-ate-perig.shtml> Acesso em: 04 nov. 2018.

⁴³ Ver anexo B.

⁴⁴ O que diz o professor José Nazareth Neto Alvernaz do Colégio Sarah Dawsey em entrevista para o jornal G1: “A letra é interessante porque alguns livros ainda insistem em reproduzir a chegada de Cabral e não problematizam a chegada dos colonizadores. A maioria dos professores afirma que é um equívoco. Há alguns livros que, inclusive, já trabalham com a perspectiva de chegada e não de descobrimento. Quando eles chegaram aqui havia de 4 a 6 milhões de indígenas. É uma visão **eurocêntrica** [grifo meu]. Estamos acostumados a trabalhar a visão dos vencedores. A visão dos vencidos ainda está sendo difundida.” Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/musica/noticia/2015/07/professores-analisam-funk-de-mc-carol-que-contesta-historia-do-brasil.html>> Acesso em: 13 out. 2018.

⁴⁵ O dançarino foi encontrado morto em uma creche no alto do Morro do Pavão-Pavãozinho no Rio de Janeiro com uma perfuração nas costas no dia 22 de maio de 2014 (Disponível em: <<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2014/04/dancarino-do-programa-esquenta-encontrado-morto-deixa-filha-de-4-anos.html>>. Acesso em: 04 nov. 2018). O caso foi encerrado pela Polícia Civil do Rio no dia 03 de março de 2015 e, segundo investigações, o dançarino Douglas Rafael da Silva Pereira (conhecido como DG) morreu devido a um disparo efetuado pela arma do Policial Militar Walter Saldanha Correa Júnior, que teve seu pedido prisão expedido (Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/03/policia-conclui-que-tiro-que-matou-dg-do-esquenta-foi-dado-por-pm.html>>. Acesso em: 04 nov. 2018).

dançarino, como também o caso do ajudante de pedreiro Amarildo Dias de Souza⁴⁶: “Cadê o Amarildo? Ninguém vai esquecer/ Vocês não solucionaram a morte do DG/ Afastamento da polícia é o único resultado/ Não existe justiça se o assassino tá fardado”. Vejamos a música completa:

Troca de plantão, a bala come à vera
Ontem teve arrego, rolou baile na favela
Sete da manhã, muito tiro de meiotá
Mataram uma criança indo pra escola

Na televisão a verdade não importa
É negro favelado, então tava de pistola
Na televisão a verdade não importa
É negro favelado, então tava de pistola

Fala de um jornalista:

(Uma câmera de segurança flagrou um adolescente
Sendo baleado a queima roupa por policiais)

Cadê o Amarildo? Ninguém vai esquecer
Vocês não solucionaram a morte do DG
Afastamento da polícia é o único resultado
Não existe justiça se o assassino tá fardado

Refrão:

Na televisão a verdade não importa
É negro favelado, então tava de pistola
Na televisão a verdade não importa
É negro favelado, então tava de pistola

Três dias de tortura numa sala cheia de rato
É assim que eles tratam o bandido favelado
Bandido rico e poderoso tem cela separada
Tratamento VIP e delação premiada

Fala da mãe do dançarino DG:

(Porque que tinha luva no local antes da perícia chegar?
Porque que tinha sangue no muro? Ele foi torturado até a morte
DG do bonde da madrugada, pela PM da pacificação, até a morte)

Refrão

⁴⁶ O “caso Amarildo” trata do desaparecimento ocorrido em julho de 2013 do ajudante de pedreiro Amarildo Dias de Souza, morador da Favela da Rocinha no Rio de Janeiro, levado por policiais da UPP para prestar esclarecimentos (Disponível em: < <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/caso-amarildo/caso-amarildo-a-historia.htm> >. Acesso em: 04 nov. 2018). Amarildo nunca foi encontrado (vivo ou morto) e somente após cinco anos, no ano de 2018, o Policial Militar Bruno Medeiros Athanásio foi condenado a uma pena de quatro anos por corromper testemunhas que prestariam depoimento no caso (Disponível em: < <http://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2018-09/justica-condena-pm-por-corromper-testemunhas-no-caso-amarildo> > Acesso em: 04 nov. 2018).

Troca de plantão a bala come à vera
Ontem teve arrego, rolou baile na favela
Sete da manhã, muito tiro de meiota
Mataram uma criança indo pra escola

Cadê o Amarildo? Ninguém vai esquecer
Vocês não solucionaram a morte do DG
Afastamento da polícia é o único resultado
Não existe justiça se o assassino tá fardado

Três dias de tortura numa sala cheia de rato
É assim que eles tratam o bandido favelado
Bandido rico e poderoso tem cela separada
Tratamento VIP e delação premiada

Refrão

A música foi matéria no jornal *Folha de São Paulo*, intitulada “MC Carol critica violência policial e critica a Lava Jato em música; ouça”, a matéria traz uma fala da cantora sobre a música em questão:

O funk é uma libertação, uma forma do favelado se comunicar e mostrar o que acontece dentro da comunidade para as pessoas que não sabem. Quero contar coisas que acontecem lá todos os dias: um morador inocente que é morto, uma criança que leva uma bala na cabeça. Não são todos os casos que vão parar na televisão (MOREIRA, 2018).

O site *Catraca Livre* também noticiou sobre a música, com o título “‘Delação premiada de pobre é tortura’, denuncia MC Carol”, a matéria se inicia com “Jovens negros da periferia estão morrendo, todos os dias. Para denunciar a violência policial e colocar o dedo nessa ferida (que está aberta e que sangra), MC Carol lançou a música “**Delação Premiada**” (DELAÇÃO PREMIADA, 2016) e termina enfatizando que no dia 15 julho de 2016, dia em que a música foi lançada, já era um dos assuntos mais comentados na rede social *Twitter*.

MC Carol também participou do *reality show* “Lucky ladies”⁴⁷ no ano de 2015, exibido pela Fox Life e ao ser entrevistada pela *Revista Trip*⁴⁸, a cantora reconhece que poderia ser uma porta voz para as mulheres: “falando sobre mim nas músicas e nas redes sociais, sem

⁴⁷ O reality show contava com a presença de cinco funkeiras e tinha MC Tati Quebra Barraco como quem comandava. De acordo com site Purebreak (Disponível em: < <http://www.purebreak.com.br/noticias/em-lucky-ladies-tati-quebra-barraco-mc-carol-e-memes-da-estreia-do-reality-show-das-funkeiras/14776> >. Acesso em: 04 nov. 2018).

⁴⁸ Disponível em: < <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/entrevista-com-mc-carol> >. Acesso em: 21 out. de 2018.

querer, levantei bandeiras contra os padrões de beleza, o machismo, o preconceito e a homofobia”, diz MC Carol.

Já a música “100% feminista”, feita em parceria com a rapper Karol Conka no ano de 2016, traz afirmações das cantoras de serem feministas em meio a denúncias de violência doméstica e machismo sofridos pelas mulheres. Vejamos a letra completa da canção:

Presenciei tudo isso, dentro da minha família
Mulher com o olho roxo, espancada todo dia
Eu tinha uns 5 anos mas já entendia
Que mulher apanha, se não fizer comida
Mulher oprimida, sem voz, obediente
Quando eu crescer, eu vou ser diferente

Refrão:

Eu cresci, prazer Carol bandida
Represento as mulheres, 100% feminista
Eu cresci, prazer Carol bandida
Represento as mulheres, 100% feminista

Represento Aquatune, represento Carolina
Represento Dandara e Chica da Silva
Sou mulher, sou negra, meu cabelo é duro
Forte, autoritária e as vezes frágil, eu assumo
Minha fragilidade não diminui minha força
Eu que mando nessa porra, eu não vou lavar a louça
Sou mulher independente não aceito opressão
Abaixa sua voz, abaixa sua mão

Mais respeito
Sou mulher destemida minha marra vem do gueto
Se estavam querendo peso então toma esse dueto
Desde pequenas aprendemos que silêncio não soluciona
Que a revolta vem à tona pois a justiça não funciona
Me ensinaram que éramos insuficiente
Discordei, pra ser ouvida o grito tem que ser potente

Refrão

Represento Nina, Elza, Dona Celestina
Represento Zeferina, Frida, Dona Brasilina
Tentam nos confundir, distorcem tudo que eu sei
Século XXI e ainda querem nos limitar com novas leis
A falta de informação enfraquece a mente
To no mar crescente porque eu faço diferente

Refrão

Sobre a letra da música, a matéria “MC Carol une forças com Karol Conka para falar de feminismo em single” do jornal *O Globo*, traz a temática da canção relembrando um antigo

sucesso de MC Carol, “Meu namorado é mó otário”, de 2014 e categorizando as duas canções como feministas; porém “100% feminista” teria um tom diferente⁴⁹; aqui cabem os seguintes questionamentos: Por que a música “100% feminista” tem um “tom diferente” da música “meu namorado é mó otário”? O que seria esse “tom diferente”? O termo seria utilizado para distinguir a música de letra cômica e sensual, “Meu namorado é mó otário”, da música que não apresenta esse viés, “100% feminista”? Esse “tom diferente” deslegitimaria uma música em relação à outra?

Ainda na matéria em questão para o jornal O Globo, há um comentário de um crítico musical do GLOBO, Leonardo Lichote, a respeito da união das duas cantoras sobre a música:

[...] A perspectiva de cada uma está bem marcada em seus versos - e como se constrói o feminismo para cada uma delas. Enquanto Carol coloca a dureza clara da experiência pessoal ("Eu tinha uns cinco anos/ Mas já entendia que mulher apanha/ Se não fizer comida"), Karol expõe um olhar mais analítico ("Século XXI/ E ainda querem nos limitar/ Com novas leis") - uma alimentando e fortalecendo a contundência da outra (OLIVEIRA, 2016).

A partir desse comentário, alguns questionamentos podem e devem ser feitos: Segundo Leonardo Lichote, “enquanto [MC] Carol coloca a dureza clara da experiência pessoal”, “Karol [Conka] expõe um olhar mais analítico” de forma que uma estaria “alimentando e fortalecendo a contundência da outra”; portanto, sendo que enquanto MC Carol traz a experiência e o relato, o “olhar mais analítico” fica a critério da rapper Karol Conka, estaria MC Carol, de acordo com esse comentário, em uma posição inferior a de Karol Conka? O Rap teria uma aceitação maior que o funk (mediante memória discursiva)?

Ainda com “100% feminista”, percebe-se ao decorrer da música como as cantoras desenvolvem uma noção de representatividade; pois, é notável que os versos “Sou mulher, sou negra, meu cabelo é duro” e “Sou mulher destemida minha marra vem do gueto” apontam um reconhecimento das cantoras como mulheres negras enquanto admitem o gueto como o lugar de onde pertencem. Sendo assim, é passível de afirmação que esse reconhecimento em muito se associa aos versos em que as cantoras se colocam como representantes de outras mulheres também negras e advindas do gueto, tal como é colocado na letra música: “Represento

⁴⁹ “Carol volta a falar do feminismo, tema que já tinha abordado no hit “Meu namorado é mó otário”, de 2014, mas em tom diferente”, é o que segue na matéria do jornal *O Globo* (Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/cultura/musica/mc-carol-une-forcas-com-karol-conka-para-falar-de-feminismo-em-single-20246078> >. Acesso em: 21 out. de 2018).

Aqaltune⁵⁰, represento Carolina/ Represento Dandara e Chica da Silva⁵¹”; nesse trecho da música, as cantoras trazem aos seus interlocutores a memória de mulheres negras em situação de escravização (Aqaltune, Dandara e Chica da Silva) que são conhecidas historicamente por sua resistência. Apesar de Dandara, apresentada na letra da música, não ser identificada com o nome e sobrenome Dandara dos Palmares⁵², tal associação se torna possível através do efeito de listagem produzido na canção em que o nome próprio Dandara é inserido em meio a outros que são prontamente identificáveis, Aqaltune e Chica da Silva, e que indicam uma posição sujeito a qual Dandara dos Palmares pertence; o que também ocorre de forma semelhante com Carolina, que a priori, por não apresentar um sobrenome, podemos ter como um nome que não se relaciona com os outros listados, mas, mediante a discursividade da letra da música que trata da mulher negra, do gueto e que resiste, é possível que a letra se refira à Carolina de Jesus⁵³ que não foi escrava como as outras mulheres, porém lhe cabe a figura de mulher negra, advinda da periferia e com histórico de resistência. Sobre essa maneira de analisar discursivamente mediante a colocação do *corpus* na materialidade discursiva, Courtine (2014, p. 89) evidencia o “domínio associado” do enunciado a partir de seu “campo enunciativo”⁵⁴, “campo adjacente”⁵⁵ e o “espaço

⁵⁰ Princesa no Congo, Aqaltune foi vendida e trazida como escrava para o Brasil. Por ser uma mulher saudável e forte, foi vendida como escrava reprodutora; no entanto, Aqaltune consegue fugir junto com outros escravos para o Reino dos Palmares, nas montanhas de Pernambuco, onde teve a sua origem real reconhecida e criou o Quilombo dos Palmares. Aqaltune foi mãe do guerreiro Ganza Zumba e avó do guerreiro Zumbi dos Palmares. Essa pesquisa foi realizada em dois sites na internet: um que conta a história de Aqaltune através de cordel (Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/aqaltune-princesa-no-congo-mas-escrava-no-brasil/>>. Acesso em: 20 nov. 2018) e outro que traz uma biografia breve de Aqaltune (Disponível em: <<https://www.ceert.org.br/noticias/historia-cultural-arte/12428/conheca-aqaltune-avo-de-zumbi-dos-palmares>>. Acesso em: 20 nov. 2018).

⁵¹ De acordo com a *Revista pesquisa Fapesp* (Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2003/11/01/chica-da-silva-sem-x/>>. Acesso em: 20 nov. 2018). Francisca da Silva foi comprada e alforriada por um contratador de diamantes, com quem se casou. Nascida entre 1731 e 1735, Chica, como era conhecida, teve treze filhos e foi casada durante dezesseis anos com o contratador de diamantes.

⁵² Dandara dos Palmares conduziu seu esposo, Zumbi dos Palmares, para a liberação dos escravos; se suicidou no ano de 1694 após ser presa. Tais informações foram obtidas mediante pesquisas realizadas nos sites *Nossa causa* (Disponível em: <<http://nossacausa.com/negros-no-brasil-quem-foi-dandara-dos-palmares/>>. Acesso em: 20 nov. 2018) e *Palmares* (Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/?s=dandara+dos+palmares>>. Acesso em: 20 nov. 2018).

⁵³ De acordo com o site Geledés (Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/biografia-analisa-trajetoria-de-carolina-de-jesus-autora-de-quarto-de-despejo/>>. Acesso em 20 nov. 2018), Carolina de Jesus foi uma escritora brasileira nascida em Sacramento, Minas Gerais, que viveu boa parte de sua vida na favela do Canindé, em São Paulo. A escritora iniciou sua carreira publicando versos em jornais paulistas na década 30 e em 1960 lançou o livro “Quarto de despejo: Diário de uma favelada”, sua obra de maior sucesso.

⁵⁴ “As formulações no interior das quais o enunciado se inscreve e forma um elemento em uma sequência discursiva. O enunciado se encontrará aí definido por sua inscrição em uma *posição de sequência horizontal* [grifo do autor] ou intradiscursiva” (COURTINE, 2014, p. 89).

colateral”⁵⁶ que possui intrinsecamente; posto a compreensão desse “domínio associado do enunciado” ser pautado em sua inscrição em uma “condição de produção” homogênea, torna-se possível associar as mulheres que não foram identificadas com um sobrenome que as caracterizem historicamente à posição sujeito a qual a sequência discursiva traz ao interlocutor.

Esse efeito de listagem também está presente em outros versos de outra estrofe da música em que há a presença de nomes de mulheres que teriam a sua representação em MC Carol e Karol Conka: “Represento Nina, Elza, Dona Celestina/ Represento Zeferina, Frida, Dona Brasilina”. Nesses versos da música, também há a presença de um nome próprio que traz a memória da mulher negra escravizada em posição de resistência, Zeferina, rainha quilombola que lutou contra a escravidão na Bahia do século XIX⁵⁷; já os outros nomes, podemos relacionar com as posições sujeito apresentadas anteriormente e a discursividade da letra, supondo que o nome próprio Nina se refira a cantora, compositora e pianista negra norte americana Nina Simone⁵⁸, ativista pelos direitos civis dos negros; enquanto que o nome próprio Elza, pode se referir a cantora brasileira Elza Soares, mulher negra nascida em uma favela (gueto); já o nome próprio Frida, pode se referir a pintora meChicana Frida Kahlo, uma mulher que, apesar de não ser negra, portava-se com vestimentas próprias da cultura indígena meChicana⁵⁹, estando, dessa forma, em uma posição sujeito em situação de dominação. Também encontramos um pronome de tratamento seguido de um nome próprio no verso da música, dona Brasilina, esse pronome de tratamento é utilizado em comunidades humildes para se referir respeitosamente às mulheres de mais idade; é assim que Karol Conka se refere à sua avó, Brasilina⁶⁰.

⁵⁵ “As formulações “às quais o enunciado se refere (implicitamente ou não), seja para repeti-las, seja para modificá-las ou adaptá-las, seja para se opor a elas, seja, finalmente, para falar delas; não há enunciado que, de uma maneira ou de outra, não reutilize outros enunciados”(op. cit., p.130)” (COURTINE, 2014, p.89).

⁵⁶ “O conjunto das formulações, as quais o enunciado organiza a possibilidade futura e que podem vir depois dele, como sua consequência, sua continuação natural ou sua réplica (op. cit., p. 130)” (COURTINE, 2014, p.89).

⁵⁷ De acordo com pesquisa realizada no site CEERT (Centro e Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades) (Disponível em: <<https://www.ceert.org.br/noticias/historia-cultura-arte/11273/zeferina-rainha-quilombola-que-lutou-contr-a-escravidao-em-salvador-ba>>. Acesso em: 20 nov. 2018).

⁵⁸ “Cantora. Mulher. Negra. Nina Simone tinha plena consciência de sua posição social e usou todo seu talento e carisma para criar uma das grandes personas da história da música, da resistência pessoal, da identidade negra.” (Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/nina-simone-uma-cantora-da-verdade/>>. Acesso em: 20 nov. 2018).

⁵⁹ De acordo com o artigo “Realidade e sentimento na obra de Frida Kahlo” de Ana Paula Jorge Klainpaul (Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/artesvisuais/index.php/inicio/publicacoes/45-realidade-e-sentimento-na-obra-de-frida-kahlo>>. Acesso em: 20 nov. 2018).

⁶⁰ “Dona Brasilina, aliás, que já foi citada por Karol na música 100% Feminista, lançada em parceria com a funqueira MC Carol, em 2016, foi a grande incentivadora para a curitibana enveredar para o meio artístico. “Quando eu nasci, minha avó me pegou no colo e disse que eu seria a artista da família”, diz Karol, rindo. “Ela sempre dizia que eu seria cantora, que eu tinha uma cabeça muito para frente”, lembra a Karol sobre a infância. “Eu não queria ser dona

Dessa forma, vemos a materialidade discursiva da música mostrar, por meio do intradiscurso e do interdiscurso a memória histórico-discursiva de mulheres que se assemelham por estarem condicionadas a um histórico de luta e a uma posição sujeito em situação de dominação, seja pela escravidão, pela cor da pele, por se caracterizar com trajes indígenas e/ ou por morar no gueto.

Notamos como as cantoras representam mulheres que, assim como elas, são negras e do gueto, e que há também a repetição no refrão do verso “Represento as mulheres, 100% feminista”. Essa música em questão apresenta ao público um feminismo negro (já que a maioria das mulheres as quais as cantoras dizem representar são mulheres negras)? Por que MC Carol e Karol Conka repetem tantas vezes na letra da música que representam as mulheres e seu feminismo é 100%? o feminismo ao qual as cantoras representam é deslegitimado de alguma forma?

Em entrevista sobre a música “100% feminista” para a matéria do jornal O globo, MC Carol se identifica com feminismo:

Eu não sabia que era feminista. Eu já era desde criança, mas não sabia que tinha um nome para isso, para essa forma de pensar. Vim descobrir há pouco tempo, acho que no ano passado, através da minha empresária. Ela me explicou o significado e eu me identifiquei. Essa música explica por que eu sou feminista, por que eu tenho essa forma de pensar (OLIVEIRA, 2016).

É importante salientar que MC Carol foi alvo de críticas após ter lançado a música “100% feminista” em parceria com Karol Conka por internautas que colocavam seu feminismo em descrédito por ela apresentar a música “Prazer sou amante do seu marido”⁶¹ e “100% feminista” no mesmo álbum e também por conta de sua autoria da letra “meu namorado é mó otário”. Vejamos algumas postagens de *Facebook* e *tweets* em que essa crítica é aparente:

de casa, mas não sabia o que fazer, como curitibana, negra, da periferia. Mas lembro da minha avó me chamar e dizer, fica tranquila.” (Disponível em: <<https://www.hojeemdia.com.br/primeiro-plano/karol-conk%C3%A1-mostra-sua-intimidade-em-ambulante-1.670032>>. Acesso em: 20 nov. 2018).

⁶¹ Ver letra completa no anexo C.



Figura 22 - *Tweet* do dia 01 de novembro de 2016 que coloca as músicas “Prazer amante do seu marido” e “100% feminista” em oposição.

Fonte: *Twitter*⁶².



Figura 23 - *Tweet* do dia 17 de dezembro de 2016 que coloca as músicas “Prazer amante do seu marido” e “100% feminista” em oposição.

Fonte: *Twitter*⁶³.

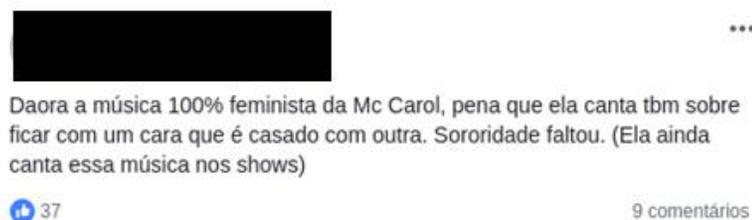


Figura 24 – Postagem do *Facebook* que coloca as músicas “Prazer amante do seu marido” e “100% feminista” em oposição.

Fonte: *Facebook*⁶⁴.

⁶² Disponível em: <https://Twitter.com/ok_Lucifer_/status/793528311024652288>. Acesso em: 08 de nov. 2018.

⁶³ Disponível em: <<https://Twitter.com/vadinahjane/status/809942442665512960>>. Acesso em: 08 de nov. 2018.

⁶⁴ Disponível em: <<https://www.facebook.com/isabella.cruz.rodrigues/posts/1292564090765448>>. Acesso em: 08 de nov. 2018.



Figura 25 - *Tweet* do dia 14 de outubro de 2017 que coloca as músicas “Meu namorado é mó otário” e “100% feminista” em oposição.
Fonte: *Twitter*⁶⁵.

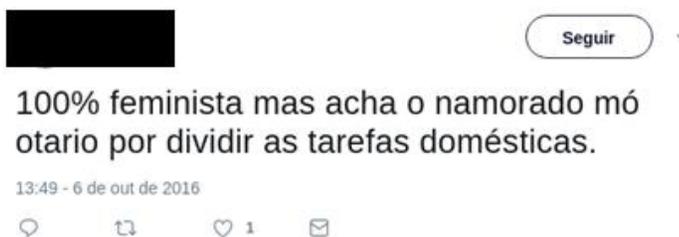


Figura 26 - *Tweet* do dia 09 de outubro de 2016 que coloca as músicas “Meu namorado é mó otário” e “100% feminista” em oposição.
Fonte: *Twitter*⁶⁶.

Com esses enunciados, é possível observar que as músicas “Prazer amante do seu marido” e “Meu namorado é mó otário” são colocadas em oposição à “100% feminista” como uma forma de pôr em questão a legitimidade do feminismo de MC Carol. Na figura 22, a autora do *tweet* menciona “Prazer amante do seu marido” e “Meu namorado é mó otário”, e diz “músicas **tão** opostas”, ou seja, a usuária da rede social *Twitter* marca uma oposição com auxílio de um advérbio de intensidade (“tão”), aumentando o distanciamento de tais canções. O que não se diferencia em muito da figura 23, pois, apesar da autora deste *tweet* não usar um advérbio de intensidade, seu enunciado se inicia com um elogio a cantora MC Carol (“MC Carol, eu te amo”), porém há uma quebra quando é usada a conjunção adversativa “mas” para se referir as duas músicas já mencionadas na figura 22, exprimindo também oposição às duas.

⁶⁵ Disponível em: <<https://Twitter.com/porrademi/status/919366351776559104>>. Acesso em: 08 de nov. 2018.

⁶⁶ Disponível em: <<https://Twitter.com/salatielrs/status/784073169615347712>>. Acesso em: 08 de nov. 2018.

Já o *tweet* representado pela figura 24, não menciona o nome da música “Prazer amante do seu marido”, mas a autora a menciona indiretamente (“ela canta também sobre ficar com um cara que é casado”) colocando as canções em oposição. É preciso que nos atentemos a esta sequência discursiva:

“Sororidade faltou”

Nessa SD, sororidade aparece sozinha, sem nenhum complemento, preposição ou artigo usado antes e depois do substantivo (como por exemplo: “a sororidade”; “a minha sororidade”; “a sua sororidade”; “sororidade das manas”; “sororidade entre as mulheres brancas de classe média”; e assim por diante), seguido pelo verbo *faltar* conjugado na terceira pessoa do singular no pretérito perfeito do indicativo: *faltou*. Sendo assim, se *faltou* sororidade, pressupõe-se que deve haver sororidade, ou seja, o que vemos é o funcionamento de um pré-construído, aquele o qual não é preciso especificar porque é dito anteriormente em outro lugar como pressuposto. O que vemos é a presença do substantivo *sororidade*, como aquilo que todos sabem e não carece de especificações, e que aparece em falta. Sendo assim, pressupõe-se que deve haver sororidade e que ela faltou na discursividade das letras de MC Carol. Mas o que é sororidade? de que sororidade estamos falando? Por que MC Carol falta com essa sororidade que deve haver, mediante o funcionamento do pré-construído?

Os *tweets* que mencionam “meu namorado é mó otário” em oposição a “100% feminista”, representados pelas figuras 25 e 26, colocam que, se MC Carol canta “Meu namorado é mó otário”, logo ela não pode cantar “100% feminista”. Na figura 26, encontramos um dos discursos que motivou a realização dessa pesquisa, o autor do *tweet*, além de afirmar que o homem que lava calcinhas da namorada representado na música “Meu namorado é mó otário” divide tarefas domésticas, utiliza a conjunção adversativa “mas” para dizer que a mulher que chama o homem que, segundo ele, divide tarefas domésticas de otário não pode ser 100% feminista.

Ao passo que MC Carol desabafa na rede social *Facebook*:

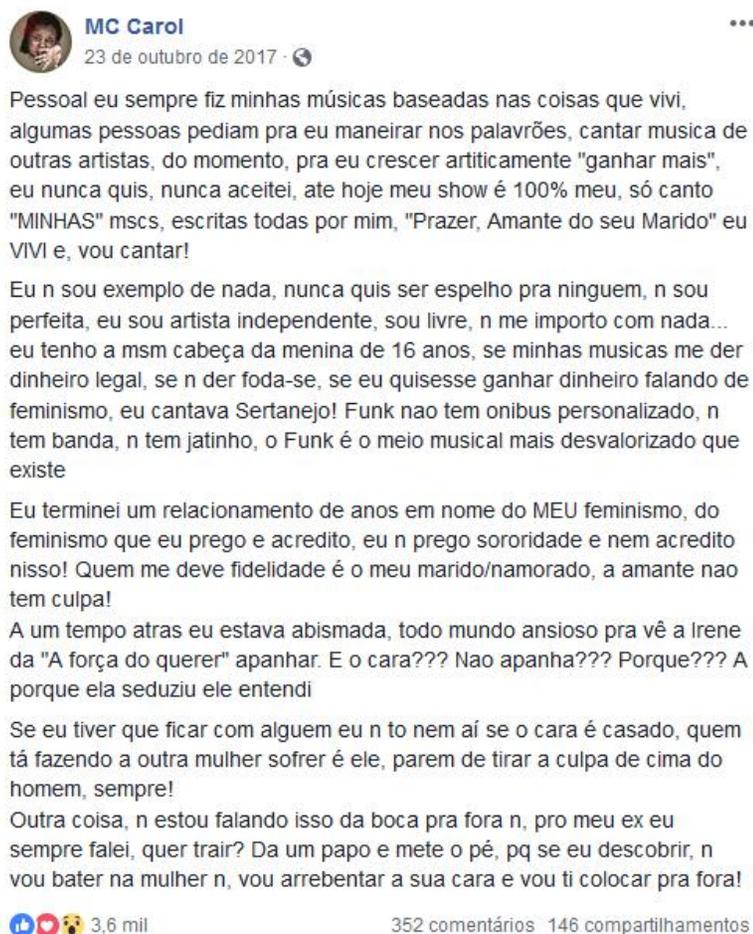


Figura 27 – Desabafo de MC Carol sobre sororidade.

Fonte: Facebook⁶⁷.

O que vemos nesse embate em torno da música “100% feminista” é a disputa de sentido pelo termo feminismo dentro de uma FD feminista. Para Courtine (2014), as formações discursivas são heterogêneas:

A definição de uma FD como forma de repartição ou ainda sistema de dispersão convida a estabelecer a contradição entre a unidade e a diversidade, entre a coerência e a heterogeneidade no interior das FD, equivale a fazer de sua *unidade dividida* [grifo do autor] “a própria lei de sua existência” (op. cit., p. 197), o que Foucault explica assim: “Se há unidade, *ela não está absolutamente na coerência visível e horizontal dos elementos formados* [grifo de Courtine]”, ela reside bem aquém, no sistema que torna possível sua formação” (op. cit., p. 95) (COURTINE, 2014, p. 83).

⁶⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/mccaroldeniteriooficial/posts/1741452015922382?_tn_=-R>. Acesso em: 08 de nov. 2018.

Portanto, dentro de uma FD há uma discursividade que lhe é comum, porém também há em seu funcionamento condições de produção homogêneas e heterogêneas, diferentes posições sujeito, ideologias dominantes e dominadas que culminam em disputas de sentido dentro de uma mesma FD. Assim, notamos que MC Carol e Karol Conka estão inseridas em uma FD feminista a partir de uma posição sujeito que não apresenta uma ideologia dominante, mas sim uma ideologia dominada ao se reconhecerem como mulheres negras provenientes do gueto na letra da música “100% feminista”, exibirem mulheres não brancas, negras em sua maioria, também provenientes do gueto e com histórico de resistência, enquanto afirmam repetidas vezes representarem as mulheres e serem 100% feministas. Por que algumas feministas têm que se afirmar como feministas repetidas vezes e marcar que seu feminismo é um feminismo 100%, ou seja, legítimo?

A discussão nas redes sociais sobre a legitimidade e nível do feminismo de MC Carol nos faz refletir sobre lugar não garantir posição; visto que, não é porque a MC Carol é uma mulher que, automaticamente, ela apoiará o conceito de sororidade e ela não se reconhece menos feminista por isso. MC Carol se reconhece feminista ao mesmo tempo que percebe que seu feminismo destoa de posições sujeito que partilham de uma ideologia dominante na FD feminista. Pois, ao lermos o desabafo da cantora, notamos que é ela quem nega, vejamos as SDs:

“Eu não sou espelho de nada”

“Nunca quis ser exemplo pra ninguém”

“Eu não prego sororidade e nem acredito nisso”

Enquanto que são as outras mulheres, que partem de outra posição sujeito dentro de uma FD feminista, que trazem interdiscursivamente, através do pré-construído “sororidade faltou”, que deve haver sororidade (sororidade essa que sequer é especificada) e, se não há, portanto, MC Carol estaria em falta com o feminismo ou seu feminismo não seria legítimo, como é colocado nos outros *tweets* que questionam as músicas “Prazer amante do seu marido” e “Meu namorado é mó otário”. Para os homens e mulheres que colocam em dúvida o feminismo de MC Carol, tem-se uma formação discursiva como homogênea e que é pautada inteiramente na ideologia dominante; tudo aquilo que foge a isso é descartado ou menosprezado. No entanto, o que se vê na posição sujeito da cantora MC Carol é que ela partilha de objetivos em comum com outras posições sujeito presentes no feminismo da ideologia dominante, como equidade de gênero,

por exemplo; mas outras, que passam por questões raciais e recorte de classe, já não são abordadas por essas outras posições sujeito.

Esse apontamento é feito por Flauzina em seu texto “Lei Maria da Penha: entre os anseios da resistência e as posturas da militância”, trazendo as diferentes posturas de mulheres perante o cumprimento da lei; enquanto a militância feminista branca luta pelo encarceramento do homem denunciado pela Lei Maria da Penha, as mulheres negras da periferia trazem outra demanda, pois querem outra solução que não a prisão de seu agressor e acabam por ser enquadradas como a mulher que é coagida a não levar a ocorrência adiante, quando, na verdade, só esperam um posicionamento da justiça que não corresponde ao que é colocado pela militância feminista branca:

São representações que orientam posturas e práticas violentas contra as mulheres pretas e pardas por parte de seus companheiros, e que abrangem: constante fiscalização de sua sexualidade, na medida em que são consideradas hipersexualizadas; a negação de sua sexualidade, uma vez que seus atributos estéticos estão distantes daqueles atribuídos às mulheres brancas, tomados como padrão de beleza; a violência sexual como forma de humilhação e/ou pela desconsideração de sua humanidade; as humilhações degradantes, com ou sem a presença do insulto racial, ancoradas na percepção de seu status socialmente subalterno; a exploração econômica dos recursos obtidos pelo seu trabalho remunerado, com base na imagem de que são trabalhadoras incansáveis e que o mero fato de se relacionar com elas constitui, por si só, um favor, que deve ser retribuído; a exploração de seu trabalho no âmbito doméstico, com base na imagem de que são naturalmente cuidadoras; a agressão física brutal, que parte do pressuposto de sua força física avantajada (ALMEIDA; PEREIRA, 2012, *apud* FLAUZINA, 2015).

Outro aspecto que se deve levar em questão ao analisar o desabafo da cantora em seu perfil no *Facebook* é a responsabilização do marido/namorado em um possível caso de traição, o que nos faz pensar que a cantora já vem trabalhando com o conceito de “solidão da mulher negra”. Sobre esse conceito, Gleide Fraga traz em seu texto para o site Geledés:

Sabe-se que pouquíssimas mulheres negras conseguem se estabelecer romanticamente enquanto casadas, que o número de famílias onde a mulher é mãe solteira é em sua maçante maioria, de mulheres negras. [...]

[...] A mulher branca, mesmo sendo beneficiada pelo padrão eurocêntrico, não pode ser a verdadeira inimiga da opressão que foi estabelecida pelo patriarcado no que tange as relações heterossexuais. Ao contrário, os verdadeiros beneficiados dessa “diversidade” feminina para livre escolha, são os homens, e é a estes quem devemos questionar; questionar seus gostos, questionar suas escolhas de relacionamentos monogâmicos ou não, é para eles quem devemos curvar as nossas problematizações acerca da solidão da mulher negra e a valorização exagerada da beleza magra e branca enquanto a mulher “despadronizada” é uma vítima de uma sociedade doentia que corrompe a nossa sexualidade, a nossa liberdade do existir (FRAGA, 2015).

No dia 21 de março de 2018, é lançada a música “Marielle Franco” em forma de clipe por MC Carol em parceria com Heavy Baile. O videoclipe em homenagem a ex vereadora, se inicia com o relato de uma avó que entre soluços e choros conta que teve seu neto assassinado:

Eu não sabia que meu neto estava no campo. Porque, se eu soubesse que meu neto estava no campo jogando bola, eu tinha pegado o meu neto. E deram tiro pelas costas do meu neto... então parece que meu neto é bandido. Então o ser humano... na favela tudo é bandido? Que isso, gente? É uma criança de doze anos, gente! É meu netinho! eu amava meu bebê! É doze aninhos só que ele tem, poxa! Por que tirou a vida dele jogando bola? E ele foi socorrer a moça... que caiu... aí ele que morreu. Ele foi socorrer a moça que caiu e ele que morreu! Meu neto tá morto.

A música se inicia e vemos *prints* e vídeos de reportagens sobre a truculência policial nas favelas, protestos e a condição precária em que vivem presos pobres em contrapartida com os privilégios dos presos ricos. Também vemos uma imagem da cantora MC Carol com o punho erguido em um de seus shows, que é exibido no clipe como forma de resistência seguido de um vídeo da ex vereadora Marielle Franco sorrindo, onde a letra da música expressa:

[...] Nem sempre eu sou tão forte/ Mas vou tá lá gritando contra a morte/ Gritando contra o poder machista branco/ Presente hoje e sempre, Marielle Franco.

No ano de 2018, MC Carol se filiou ao PC do B e lançou sua candidatura a deputada estadual pelo Rio de Janeiro. Sobre sua entrada na vida política, a cantora afirma ao *Jornal O Globo*:

“Estou pensando em me candidatar desde dezembro. Conversei muito com a Marielle e com a Talíria sobre isso e quero ajudar na luta do feminismo contra o machismo. É só você ligar a TV que vê o tempo todo morte de mulher. A mulher vai lá, faz dez queixas e não acontece nada. Aí o cara acaba matando ela” (ALFANO, 2018).

A matéria do jornal também resgata o episódio de violência doméstica vivido pela cantora em abril de 2018, em que a própria MC Carol desabafa em seu perfil no Facebook:

Hoje pela primeira vez apanhei de um homem. Hoje pela primeira vez consegui lutar com um homem com um facão na mão. 4h da manhã meu ex pulou a cerca elétrica e tentou me matar de facão. E o álibi dele é que eu estava postando vídeos e fotos na piscina! Se eu sinto vergonha? Não. Porque a gente nunca sabe o bicho disfarçado que pode entrar na nossa vida! Denuncie sempre! (ALFANO, 2018).

2.6. Outras cantoras de funk e posição sujeito

Assim como MC Carol, outras cantoras de funk também apresentam discursos semelhantes em suas músicas. Duas delas são MC Tati Quebra Barraco e Valesca Popozuda. As cantoras citadas, além de se identificarem com o feminismo⁶⁸, também tem uma trajetória parecida com a de MC Carol.

MC Tati Quebra Barraco, Tatiana dos Santos Lourenço, nasceu na favela da Cidade de Deus no Rio de Janeiro e iniciou sua carreira como cantora de funk em 2000. A cantora ficou conhecida por Tati Quebra Barraco por cantar em sua música que havia ficado três meses sem quebrar o barraco, gíria para a prática do ato sexual. A música “Sou feia mas, tô na moda”⁶⁹ se tornou popular a ponto de se tornar título de um documentário sobre o desenvolvimento do funk carioca⁷⁰, cuja discursividade da música, que apresenta uma mulher bancando os prazeres sexuais em um relacionamento heterossexual nos versos “Sou feia, mas tô na moda/ tô podendo pagar hotel pros homens, isso é que é mais importante”, é responsável por levar a cantora a ser apresentada como uma mulher feminista na mídia.

Já a cantora Valesca Reis Santos, conhecida como Valesca Popozuda, iniciou sua carreira no grupo Gaiola das Popozudas no ano 2000 fazendo shows nas favelas do Rio de Janeiro. Nascida em Irajá, bairro do subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, Valesca, assim como MC Carol, também conta com um repertório de músicas com uma temática cômica e sensual. Em 2007, o grupo Gaiola das Popozudas, juntamente com Valesca Popozuda, lança a música “Agora eu sou piranha”⁷¹, em que a letra aponta uma mulher que sai para dançar em um baile funk em busca de diversão:

Eu vou pro baile, Eu vou pro baile
Sem calcinha!

⁶⁸ Matéria do jornal *El País* de 2015 em que Valesca responde em entrevista “sou feminista desde que nasci” (Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/08/cultura/1438995784_578115.html>. Acesso em: 27 de jul. 2018); matéria do jornal *El País* de 2015 em que MC Carol afirma “[...] minhas músicas são completamente feministas” (Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/27/cultura/1438026091_663516.html>. Acesso em: 27 de jul. 2018); Tati Quebra Barraco dá palestra na Unilab em 2017 e o site da Universidade cearense traz em chamada de notícia: “Cantora e feminista Tati Quebra Barraco dá palestra na Unilab nesta quarta (5)” (Disponível em: <<http://www.unilab.edu.br/noticias/2017/07/05/cantora-e-feminista-tati-quebra-barraco-da-palestra-na-unilab-nesta-quarta-5/>>. Acesso em: 27 de jul. 2018).

⁶⁹ Ver letra completa no Anexo D.

⁷⁰ Disponível em: <<http://www.kondzilla.com/sou-feia-mas-na-moda/>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

⁷¹ Ver letra completa no anexo E.

Agora eu sou piranha e ninguém vai me segurar!
Daquele jeito
Sem, sem calcinha!

Eu vou pro baile procurar o meu negão
Vou subir no palco ao som do tamborzão
Sou cachorroneira mesmo e late que eu vou passar
Agora eu sou piranha e ninguém vai me segurar![...]
(Agora eu sou piranha, Gaiola das popozudas)

Cabe ressaltar que a música “agora eu sou piranha” tem uma versão censurada chamada “Agora eu sou solteira”⁷²:

Eu vou pro baile, eu vou pro baile, de sainha
Agora eu sou solteira e ninguém vai me segurar
Daquele jeito
De, de sainha
Daquele jeito

Eu vou pro baile procurar o meu negão,
Vou subir no palco ao som do tamborzão
Sou cachorroneira mesmo
E late que eu vou passar
Agora eu sou solteira e ninguém vai me segurar
Dj aumenta o som

Em ambas as músicas, o que vemos é a figura de uma mulher empoderada que foge ao padrão esperado na sociedade em que predomina a ideologia dominante machista de que as mulheres devem ficar em casa⁷³ enquanto os homens são livres para saírem quando quiserem, ao que se assemelha a música “Meu namorado é mó otário” no trecho em que MC Carol canta “Se tu não tá gostando/ Então dorme no portão/ Porque eu vou pro baile/ Vou pra minha curtidão”.

⁷² Ver letra completa no anexo F.

⁷³ Sobre isso, vale lembrar um recente acontecimento que envolve a atual primeira dama, Marcela Temer. O ocorrido se passou em abril de 2016, antes do golpe responsável por tirar Dilma Rousseff da presidência do Brasil, quando a revista *Veja* publica uma reportagem sobre Marcela Temer com o título “Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”” em que eram elogiadas sua beleza, seus vestidos abaixo dos joelhos em tom claro, seu gosto pela maternidade e o fato de ser uma mulher caseira que sai de casa somente para resolver assuntos pontuais, já que “seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma também (nas últimas três semanas, foi duas vezes à dermatologista tratar da pele)” (disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>). Ao que foi prontamente respondido nas redes sociais por pessoas que interpretaram essa como uma reportagem machista que atribui valor apenas a mulheres com o perfil de Marcela Temer; as respostas vinham em forma *posts* de mulheres que tiravam suas fotos em outro ambiente que não o doméstico, com roupas curtas e, algumas vezes, com bebidas à disposição, enquanto que a legenda podia ser tanto “bela, recatada e do lar” (ironizando o título e conteúdo da reportagem), quanto “bela, desbocada e do bar” (um texto que trata desse assunto pode ser consultado através do link disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/osentendidos/2016/04/20/bacharel-antenada-e-lar/>). Acesso em: 26 de nov. de 2018).

Porém, se analisarmos “Agora eu sou solteira” em comparação com “Meu namorado é mó otário”, podemos reparar que na letra da música de Valesca Popozuda é apresentada uma mulher que sai para o baile funk, pois acaba de se encontrar na condição de mulher solteira e, como solteira, ninguém vai segurá-la; colocando dessa forma, teríamos a mulher não solteira (namorando ou casada) como a que tem alguém que vá segurá-la em casa. Já na letra da música de MC Carol, vemos a mulher que namora e ainda assim sai para se divertir, enquanto o homem é o que fica em casa (“dorme no portão”). Esses são pontos que unem a discursividade da letra das músicas das duas cantoras, ao mesmo tempo que acentuam a ousadia de MC Carol em apresentar uma inversão dos papéis de gênero.

Valesca Popozuda também trata de questões como a violência doméstica em uma de suas músicas, intitulada “Larguei meu marido”⁷⁴, em que a mulher narra sua saída de um casamento abusivo: “Só me dava porrada/ E partia pra farra/ Eu ficava sozinha, esperando você/ Eu gritava e chorava que nem uma maluca/ Valeu muito obrigado, mas agora virei puta [...] Se uma tapinha não dói/ eu falo pra você/ segura esse chifre quero ver tu se fuder”.

Ainda sobre empoderamento feminino e luta contra o machismo naturalizado, Valesca traz ao iniciar da música “Um otário pra bancar”, do grupo Gaiola das Popozudas, o refrão da música “Tem que ter uma amante”⁷⁵ do MC Mascote, cantada pelo próprio MC. Ao fim da fala do cantor, Valesca o cita dizendo “O mascote da antiga, ele é a historia do funk/ ele disse que o homem tem que ter uma amante/se liga ai amiga no que a gaiola vai falar/ mulher de verdade quer um otário pra bancar”⁷⁶. É importante reiterar que na letra da música “Tem que ter uma amante” de MC Mascote temos o seguinte verso: “o homem de verdade tem que ter uma amante”, ao que é respondido por Valesca em “Um otário pra bancar” com “mulher de verdade quer um otário pra bancar”. O que seria “um homem” e uma “mulher de verdade” de acordo com as posições sujeito dos dois cantores? teriam o mesmo efeito de sentido? estariam dentro da mesma formação discursiva? O que implica discursivamente Valesca Popozuda ter apresentado o mix original da música de MC Mascote como uma citação ao invés de parodiar a canção?

Se nos voltarmos para questões como representatividade, discutidas a partir da música “100% feminista” no capítulo 2.5, veremos que tanto MC Carol quanto Tati Quebra

⁷⁴ Ver letra completa no anexo G.

⁷⁵ O trecho citado é “Tem que ter/ Tem que ter/ Tem que ter uma amante (4x)”. A música completa pode ser consultada no anexo H.

⁷⁶ Ver letra completa no anexo I.

Barraco e Valesca Popozuda são mulheres que vieram da periferia e que se identificam com o feminismo; as três cantam sobre empoderamento feminino e trazem a mulher amante como tema de algumas de suas músicas, o que também gera um efeito de polêmica semelhante ao enfrentado por MC Carol.

3. CONCLUSÃO

Esse texto que inicio agora não é bem o que eu esperava que fosse quando comecei os estudos monográficos em 2017. E o que eu esperava? muitas coisas me vieram à cabeça quando iniciei a pesquisa no tema, inclusive uma hipótese que suponha vir a culminar em um possível desfecho para o estudo quando ainda me inseria na Linguística Aplicada, porém, minha pesquisa e meu trabalho como pesquisadora me levaram a analisar discursivamente meu material sob preceitos da análise de discurso materialista. A partir de então, não era eu quem detinha o controle, mas sim a materialidade discursiva escolhida para análise, ela que, de certa forma, requeria que eu mobilizasse os conceitos chave da análise de discurso para entender seu funcionamento linguístico. Pesquisas secundárias também foram realizadas a fim de ir a fundo às questões que impulsionaram a análise, voltando no que, a princípio, se mostrava como óbvio; evidentemente, meu olhar como pesquisadora, assim como de qualquer outro, não possui neutralidade ideológica; minha posição sujeito é atravessada pela ideologia⁷⁷, assim como fui atravessada pelas questões que moveram o realizar da pesquisa.

As questões até aqui apresentadas e o término proposto autoritariamente por esse capítulo intitulado “conclusão”, não representam o esgotamento de um trabalho de análise. Ao contrário disso, o que vemos são muitas possibilidades abertas para o continuar de um trabalho de análise discursiva pautada no funcionamento linguístico, tendo como temática as músicas feitas por mulheres do funk. Defendo que outras questões como a censura nas letras de músicas de cantoras do funk; feminismo e posições sujeito dominadas expressas através do funk feminino; e disputa de sentido pelo termo feminismo por cantoras do funk que buscam legitimação de sua FD sejam estudadas posteriormente em outras análises maiores ou, até mesmo, artigos.

⁷⁷ ALTHUSSER, s.d..

Mas, como essa análise requer uma finalização, darei a ela, não um fim, já que acredito que esses estudos podem e devem ser estendidos para análises posteriores a essa, mas um efeito de fim capaz de sintetizar a presente pesquisa.

Sendo assim, podemos perceber no decorrer da análise como a ação do namorado que lava calcinhas apresentado na letra da música, “Meu namorado é mó otário”, é, por vezes, relacionado à divisão de tarefas, o que causa incômodo em alguns ouvintes que tem um estranhamento ao ver a figura do homem que divide tarefas domésticas, segundo eles, sendo adjetivado como otário com o auxílio de um superlativo, “mó”, que lhe coloca como o maior dentre os que são classificados como otários. Dessa forma, esses ouvintes que relacionam divisão de tarefas domésticas a uma formação discursiva feminista, acabam por excluir a letra da música dessa discursividade. Mas o homem lavar calcinhas estando dentro de um relacionamento afetivo heterossexual não causaria nenhum outro efeito de sentido? A FD feminista não permitiria que discursos como os de MC Carol, Valesca Popozuda e Tati Quebra Barraco por apresentarem um homem subserviente através de um efeito de sentido que se assemelha ao deboche?

Quando olhamos para a análise discursiva realizada com a música de MC Carol, percebemos como é naturalizada a imagem que se cria da mulher responsável por lavar não só roupas íntimas, mas também por uma série de encargos de âmbito doméstico que lhe são colocados como intrínsecos, tais quais cuidar das tarefas domésticas; ensinar a(s) filha(s) a desempenhar as mesmas tarefas; coordenar as tarefas feita pela(s) filha(s); lavar as roupas íntimas que são suas, de seus filhos, de seu namorado/marido e de uma outra mulher pertencente à uma classe social mais alta, caso trabalhe como empregada doméstica⁷⁸. Essa naturalização apresentada na memória discursiva mediante formação discursiva que tem por ideologia a dominante é responsável por causar estranhamento ao sermos apresentados à figura de um homem que lava as calcinhas da namorada na letra da música “Meu namorado é mó otário” de MC Carol. Estranhamento esse que traz para o campo do dizível o namorado que lava calcinhas da namorada por meio da música da cantora, ao vermos *tweets* que só estabelecem essa relação a partir da música “Meu namorado é mó otário”.

Também é notável que a discursividade da letra da música meu “Meu namorado é mó otário” vai além da dicotomia (estar ou não dentro de uma FD feminista) apresentada por alguns

⁷⁸ Essa naturalização se faz notável com a análise feita no capítulo 2.2 e também de acordo com as pesquisas realizadas por NEVES, 2017 e VIEIRA; AMARAL, 2013.

de seus ouvintes; visto que ao analisarmos a posição sujeito da MC, percebemos seu engajamento, que perpassa a luta por igualdade entre gêneros, luta de classes e luta por igualdade racial, e também o seu reconhecimento como mulher negra, periférica e feminista. É preciso que MC Carol e Karol Conka afirmem repetidas vezes na música “100% feminista” que representam as mulheres e que seu feminismo é 100%, ou seja, legítimo, e mesmo assim vemos *tweets* de ouvintes nervosos e revoltados por não concordarem que a cantora, que não partilha do pressuposto de que se deve haver sororidade e que apresenta outras formas de lidar em meios periféricos com o homem, e com a agressão e abandono causados por ele, se reconheça como feminista.

Com a música e com os discursos que circulam a partir dela, percebemos que há uma disputa de sentido pelo termo feminista por posições sujeito que partilham de uma ideologia dominante, incapazes de perceber as demandas colocadas pelo feminismo negro, por exemplo, e posições sujeito que partilham de uma ideologia dominada, como MC Carol, Tati Quebra Barraco e Valesca Popozuda, que se empoderam a partir do momento que se colocam em posição de superioridade a figura masculina⁷⁹, e que não reconhecem o conceito de sororidade como parte integrante de seu feminismo. Dessa forma, passamos a enxergar o feminismo como uma formação discursiva heterogênea em que há disputa pelo sentido de feminismo mediante condições de produção também heterogêneas.

Sendo assim, seria possível afirmar que MC Carol, assim como as cantoras Tati Quebra Barraco e Valesca Popozuda, ao trazer em suas músicas o homem em posição de subserviência juntamente com o deboche, a mulher que se orgulha em ser amante e seu reconhecimento como 100% feminista (o que é negado por posições sujeito de ideologia dominante) como uma forma de resistência e legitimação de seu feminismo?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALLA, Ana Luisa. A vez de MC Carol. **Revista Trip**. s.l., jul. 2015. Disponível em: < <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/entrevista-com-mc-carol> >. Acesso em: 21 out. 2018.

⁷⁹ Até mesmo em músicas que apresentam a mulher que sofre violência doméstica, como “100% feminista” de MC Carol e Karol Conka e “Larguei meu marido” de Valesca Popozuda.

ALFANO, Bruno. Influenciada por Marielle, MC Carol vai se candidatar ao cargo de deputada estadual. **O Globo**. Rio de Janeiro, mai. 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/influenciada-por-marielle-mc-carol-vai-se-candidatar-ao-cargo-de-deputada-estadual-22604867>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

ALMEIDA, Tânia Mara Campos de; PEREIRA, Bruna Cristina Jaquetto. Violência Doméstica e Familiar contra mulheres pretas e pardas no Brasil: Reflexões pela ótica dos estudos feministas latino-americanos. **Crítica e Sociedade**: revista de cultura política. v.2, n.2, Dossiê: Cultura e Política, dez.2012. p.58-59 *apud* FLAUZINA, Ana. Lei Maria da Penha: entre os anseios da resistência e as posturas da militância. In: FLAUZINA, Ana *et al.* **Discursos negros: legislação penal, política criminal e racismo**. Brasília: Brado Negro, 2015. cap. 6.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de estado**. Lisboa: Editorial Presença, s.d..

ARRAES, Jarid. Aqaltune: princesa no Congo, mas escrava no Brasil. **Geledés**. s.l., jan. 2016. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/aqaltune-princesa-no-congo-mas-escrava-no-brasil/>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

BOECKEL, Cristina. Professores analisam funk de MC Carol que contesta a história do Brasil. **G1**. Rio de Janeiro, jul. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/musica/noticia/2015/07/professores-analisam-funk-de-mc-carol-que-contesta-historia-do-brasil.html>> Acesso em: 13 out. 2018.

ASSECOM. Cantora e feminista Tati Quebra Barraco dá palestra na Unilab nesta quarta (5). **Unilab**. s.l., jul. 2017. Disponível em: <<http://www.unilab.edu.br/noticias/2017/07/05/cantora-e-feminista-tati-quebra-barraco-da-palestra-na-unilab-nesta-quarta-5/>>. Acesso em: 27 de jul. 2018.

CASO AMARILDO. **Memória Globo**. s.l., s.d.. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/caso-amarildo/caso-amarildo-a-historia.htm>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

CHICA DA SILVA sem X. **Pesquisa FAPESP**. s.l., nov. 2003. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2003/11/01/chica-da-silva-sem-x/>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

CORRÊA, Douglas. Justiça condena PM por corromper testemunhas no caso Amarildo. **Agência Brasil**. Rio de Janeiro, set. 2018. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2018-09/justica-condena-pm-por-corromper-testemunhas-no-caso-amarildo>> Acesso em: 04 nov. 2018.

COURTINE, Jean Jacques. O Chapéu de Clémentis. **Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político**. In: INDURKY, Freda. (org.). Os múltiplos territórios da análise do discurso. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 1999.

COURTINE, Jean Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. Tradução de Cristina de Campos Velho Birck *et al.* São Carlos: EDUFSCar, 2014.

‘DELAÇÃO PREMIADA de pobre é tortura’, denuncia MC Carol. **Catraca livre**. s.l., jul. 2016. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/cidadania/delacao-premiada-de-pobre-e-tortura-denuncia-mc-carol/>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

DERRIDA, Jaques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Tradução de Claudia Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FEENEY, Nolan. Top 10 Best Songs. *Time*, s.l., 02 dez. 2014. Disponível em: <<http://time.com/collection-post/3613567/top-10-best-songs/>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

FEILER, Camila. Negros no Brasil: quem foi Dandara dos Palmares?. **Nossa causa**. s.l., s.d.. Disponível em: <<http://nossacausa.com/negros-no-brasil-quem-foi-dandara-dos-palmares/>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

FRAGRA, Gleide. Sobre a solidão da mulher negra. **Geledés**. s.l., jun. 2015. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/sobre-a-solidao-da-mulher-negra/>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

KAROL CONKÁ mostra sua intimidade em 'Ambulante'. **Hoje em dia**. s.l., nov. 2018. Disponível em: <<https://www.hojeemdia.com.br/primeiro-plano/karol-conk%C3%A1-mostra-sua-intimidade-em-ambulante-1.670032>>. Acesso em: 20 de nov. 2018.

KLAINPAUL, Ana Paula Jorge. Realidade e sentimento na obra de Frida Kahlo. **Artes visuais: Universidade Federal de Santa Maria**. S.l., s.d. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/artesvisuais/index.php/inicio/publicacoes/45-realidade-e-sentimento-na-obra-de-frida-kahlo>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

LINHARES, Juliana. Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”. **Veja**. s.l., abr. 2016. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/osentendidos/2016/04/20/bacharel-antenada-e-lar/>>. Acesso em: 26 nov. 2018.

LUXOR, Dommenique. **Eu, Dommenique**. Rio de Janeiro: Leya, 2012.
MC CAROL não quer ser vista só como cantora de proibidão: ‘É até perigoso onde eu moro’. **Diário de Pernambuco**. Recife, jul. 2016. Disponível em: <http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2016/07/20/internas_viver,656212/mc-carol-nao-quer-ser-vista-so-como-cantora-de-proibidao-e-ate-perig.shtml> Acesso em: 04 nov. 2018.

MOREIRA, Maria Clara. MC Carol denuncia a violência policial e critica a Lava Jato em música; ouça. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, jul. 2016. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/07/1778201-mc-carol-denuncia-a-violencia-policial-e-critica-a-lava-jato-em-musica-ouca.shtml>>. Acesso em: 21 out. 2018.

NEVES, Camila Emanuella Pereira. **A Amélia que era mulher de verdade? Produção associada e relações de gênero em comunidades tradicionais de Cáceres/MT: Para além estereótipos e preconceitos**. Tese de Doutorado (Doutora em Educação), 2017.

NINA SIMONE: uma cantora da verdade. **Geledés**. s.l., nov. 2014. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/nina-simone-uma-cantora-da-verdade/>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

NOVAES, Mariana. Valesca Popozuda: “Sou feminista desde que nasci”. *El País*, São Paulo, 09 ago. 2015. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/08/cultura/1438995784_578115.html>. Acesso em: 05 dez. 2017.

NOVAES, Mariana. MC Carol: “Meu namorado não é otário. Homem tem que dividir tarefa”. **El País**. São Paulo, ago. 2015. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/27/cultura/1438026091_663516.html>. Acesso em: 27 jul. 2018.

NUNES, Davi. Zeferina: rainha quilombola que lutou contra a escravidão em Salvador-BA. **CEERT**. s.l., mai. 2016. Disponível em: <<https://www.ceert.org.br/noticias/historia-cultural-arte/11273/zeferina-rainha-quilombola-que-lutou-contra-a-escravidao-em-salvador-ba>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

OLIVEIRA, Lucas. MC Carol une forças com Karol Conka para falar de feminismo em single. **O Globo**. s.l. out. 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/musica/mc-carol-une-forcas-com-karol-conka-para-falar-de-feminismo-em-single-20246078>>. Acesso em: 21 out. de 2018.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 5. ed. Tradução: Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2014.

PÊCHEUX, Michel. Metáfora e Interdiscurso. In: PÊCHEUX, Michel. **Análise de discurso**, Michel Pêcheux. Textos escolhidos por Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2012.

PERSONALIDADES NEGRAS – Dandara. **Palmares**. s.l., jul. 2014. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/?s=dandara+dos+palmares>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

POLÍCIA CONCLUI que tiro que matou DG, do 'Esquentá', foi disparado por PM. **G1**. Rio de Janeiro, mar. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/03/policia-conclui-que-tiro-que-matou-dg-do-esquentá-foi-dado-por-pm.html>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

PORQUE "Power Couple Brasil" é tão bom? (2017). **IG**, São Paulo, 16 jun. Disponível em: <<https://gente.ig.com.br/tvenovela/2017-06-12/power-couple-brasil.html>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

RITCHIE, Meabh. Estudante britânica escolhe Beyoncé como tema de tese de sociologia. **BBC**. Sl.: 04 mai. 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-39802868>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

SANTOS, Eliane; MARQUES, Carol; GOMES, Laís. Dançarino do programa 'Esquentá' encontrado morto deixa filha de 4 anos. **EGO**. Rio de Janeiro, abr. 2014. Disponível em: <<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2014/04/dancarino-do-programa-esquentá-encontrado-morto-deixa-filha-de-4-anos.html>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

SANTOS, Minnie. Conheça Aqualtune avó de Zumbi dos Palmares. **CEERT**. s.l., jul. 2016. Disponível em: <<https://www.ceert.org.br/noticias/historia-cultura-arte/12428/conheca-aqualtune-avo-de-zumbi-dos-palmares>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

SIMÕES, Ana Carolina. Em "Lucky Ladies": Tati Quebra Barraco, Mc Carol e memes da estreia do reality show das funkeiras!. **Purebreak**. s.l., mai. 2015. Disponível em: <<http://www.purebreak.com.br/noticias/em-lucky-ladies-tati-quebra-barraco-mc-carol-e-memes-da-estreia-do-reality-show-das-funkeiras/14776>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

“SURUBINHA DE LEVE”: crime ou liberdade de expressão?. **Gazeta do Povo**. Sl.: 21 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/surubinha-de-leve-crime-ou-liberdade-de-expressao-156kctc52sr5b946690ww41ts9/>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

TRIGO, Luciano. Biografia analisa a trajetória de Carolina de Jesus, autora de ‘Quarto de despejo’. Geledés. s.l., mar. 2018. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/biografia-analisa-trajetoria-de-carolina-de-jesus-autora-de-quarto-de-despejo/>>. Acesso em 20 nov. 2018.

VIEIRA, Adriane, AMARAL, Grazielle Alves. A arte de ser Beija-Flor na tripla jornada de trabalho da mulher. *Saúde e Sociedade*. São Paulo, v.22 n.2 p. 403-414, 2013.

ANEXOS

ANEXO A

Na verdade a pergunta é uma pegadinha... a vida não é tão dicotômica. Eu diria que ambas são verdadeiras! Em parte é empoderamento e em parte é machismo. Mas quero ver o que a galera acha!

Disponível

em:

<<https://www.facebook.com/claudio.magno.106/posts/800072920066469>>.

Acesso em: 29 nov. 2018.

ANEXO B

Letra da música “Não foi Cabral” de MC Carol (2015):

Professora me desculpe
Mas agora vou falar
Esse ano na escola
As coisas vão mudar

Nada contra ti
Não me leve a mal
Quem descobriu o Brasil
Não foi Cabral

Pedro Álvares Cabral
Chegou 22 de abril
Depois colonizou
Chamando de Pau-Brasil
Ninguém trouxe família
Muito menos filho
Porque já sabia
Que ia matar vários índios

Treze Caravelas
Trouxe muita morte
Um milhão de índio
Morreu de tuberculose
Falando de sofrimento
Dos tupis e guaranis
Lembrei do guerreiro
Quilombo Zumbi

Zumbi dos Palmares
Vítima de uma emboscada
Se não fosse a Dandara
Eu levava chicotada

ANEXO C

Letra da música “Prazer amante do seu marido” de MC Carol (2013):

Você vive se gabando falando que ele é só seu
Metade pra baixo, ele também é meu
Ele ria da tua cara enquanto você ligava
7 hora da manhã, seu marido me chupava
Nunca te deu valor, nem nunca vai te dar
Homem gosta de mulher que gosta de esculachar

Tu é chifruda
Tu é uma corna
Aprende uma coisa
Peixe morre pela boca
Tu é chifruda
Tu é uma corna
Aprende uma coisa
Peixe morre

Sentar na pica dele foi delicioso
Enquanto tu chorava a gente gozava gostoso
Prazer eu sou Carol Bandida, amante do seu marido
Seu aniversário ele passou comigo
Quando eu passar, fica bem calada
Eu pego seu marido rindo da tua cara
Rindo da tua cara
Rindo da tua cara

Você vive se gabando falando que ele é só seu
Metade pra baixo, ele também é meu
Ele ria da tua cara enquanto você ligava
7 hora da manhã, seu marido me chupava
Nunca te deu valor, nem nunca vai te dar
Homem gosta de mulher que gosta de esculachar

Tu é chifruda
Tu é uma corna
Aprende uma coisa
Peixe morre pela boca
Tu é chifruda
Tu é uma corna
Aprende uma coisa
Peixe morre

Sentar na pica dele foi delicioso
Enquanto tu chorava a gente gozava gostoso
Prazer eu sou Carol Bandida, amante do seu marido
Seu aniversário ele passou comigo
Quando eu passar, fica bem calada
Eu pego seu marido rindo da tua cara
Rindo da tua cara
Rindo da tua cara

ANEXO D

Letra da música “Sou feia, mas tô na moda” da cantora Tati Quebra Barraco (s.d.):

Eta lele, eta lele
Eu fiquei 3 meses sem quebrar o barraco,
Sou feia mais tô na moda,
tô podendo pagar hotel pros homens isso é que mais importante.

Quebra meu barraco
Quebra meu barraco

ANEXO E

Letra da música “Agora sou piranha” do grupo Gaiola das Popozudas (s.d.):

Eu vou pro baile, Eu vou pro baile
Sem calcinha!
Agora eu sou piranha e ninguém vai me segurar
Daquele jeito
Sem, sem calcinha

Eu vou pro baile procurar o meu negão
Vou subir no palco ao som do tamborzão
Sou cachorrone mesmo e late que eu vou passar
Agora eu sou piranha e ninguém vai me segurar

DJ aumenta o som!

No local do trepa-trepa eu esculacho tua mina
No completo ou no mirante outro no muro da esquina
Na primeira tu já cansa eu não vou falar de novo
Ai que piroca boa, bota tudo até o ovo
Eu queria andar na linha, tu não me deu valor
Agora eu sento, soco, soco, topo até filme pornô
Gaiola das Popozudas agora vai falar pra tu
Se elas brincam com a xereca eu te do um chá de Cu! (2x)

Sem sem calcinha
Sem sem calcinha
Agora eu sou piranha e ninguém vai me segurar
Daquele Jeito...

Eu vou pro baile procurar o meu negão
Vou subir no palco ao som do tamborzão
Sou cachorrone mesmo e late que eu vou passar
Agora eu sou piranha e ninguém vai me segurar
DJ aumenta o som

No local do trepa-trepa eu esculacho tua mina
No completo ou no mirante outro no muro da esquina
Na primeira tu já cansa eu não vou falar de novo
Aí que piroca boa bota tudo até o ovo (2x)
Eu queria andar na linha tu não me deu valor
Agora eu sento, soco, soco, topo até filme pornô

Sem sem calcinha
Sem sem calcinha
Sem sem calcinha
Sem sem calcinha

ANEXO F

Letra da música “Agora sou solteira” do grupo Gaiola das Popozudas (s.d.):

Eu vou pro baile, eu vou pro baile, de sainha
Agora eu sou solteira e ninguém vai me segurar
Daquele jeito
De, de sainha
Daquele jeito

Eu vou pro baile procurar o meu negão,
Vou subir no palco ao som do tamborzão
Sou cachorrona mesmo
E late que eu vou passar
Agora eu sou solteira e ninguém vai me segurar
Dj aumenta o som

Eu já tô de sainha
Daquele jeito
De, de sainha

No local do pega pega eu esculacho tua mina
No completo, ou no mirante, outro no muro da esquina
Na primeira tu já cansa
Eu não vou falar de novo
Ai que homem gostoso, vem que vem quero de novo
(ai vai)
Ai que homem gostoso, vem que vem quero de novo
Gaiola das Popozudas agora fala pra você
Se elas brincam com a xaninha eu faço o homem enlouquecer (2x)

De, de sainha
De, de sainha

Agora eu sou solteira e ninguém vai me segurar
(Daquele jeito)
De, de sainha
Daquele jeito.
Eu vou pro baile procurar o meu negão
Vou subir no palco ao som do tamborzão
Sou cachorrona mesmo
E late que eu vou passar
Agora eu sou solteira e ninguém vai me segurar
Dj aumenta o som

Eu já tô de sainha
De, de sainha

No local do pega pega eu esculacho tua mina
No completo, ou no mirante, outro no muro da esquina
Na primeira tu já cansa
Eu não vou falar de novo
Ai que homem gostoso, vem que vem quero de novo (2x)

Gaiola das Popozudas agora fala pra você
Se elas brincam com a xaninha eu faço o homem enlouquecer (2x)

De, de sainha
De, de sainha
Agora eu sou solteira e ninguém vai me segurar!

Anexo G

Letra da música “Larguei meu marido” do grupo Gaiola das Popozudas (s.d.):

Só me dava porrada!
E partia pra farra!
Eu ficava sozinha, esperando você
Eu gritava e chorava que nem uma maluca...
Valeu muito obrigado, mas agora virei puta!

Valeu muito obrigado, mas virei Puta!
Valeu muito obrigado...

se o tapinha não dói
eu falo pra você
segura esse chifre quero ver tu se foder! (2x)

segura esse chifre quero ver tu se foder!
segura esse chifre...

Eu lavava passava (2x)
tu não dava valor (2x)
agora que eu sou puta você quer falar de amor
agora que eu sou puta você quer falar de amor
agora que eu sou puta

só me dava porrada
e partia pra farra
eu ficava sozinha esperando você..
eu gritava e chorava que nem uma maluca
Valeu muito obrigado, mas virei puta! (2x)

Valeu muito obrigado, mas agora virei puta
Valeu muito obrigado-gado-gado...

se o tapinha não dói
eu falo pra você
segura esse chifre quero ver tu se foder! (2x)

segura esse chifre quero ver tu se foder!
segura esse chifre...

Eu lavava passava (2x)
tu não dava valor (2x)
agora que eu sou puta você quer falar de amor
agora que eu sou puta você quer falar de amor
agora que eu sou puta

Anexo H

Letra da música “Tem que ter uma amante” de MC Mascote (s.d.):

Tem que ter
tem que ter
tem que ter uma amante(3x)

se tu é mina fiel valeu mó orgulho
mais se mexer com as amantes
tô comprando esse bagulho
se liga no meu papo que é tão interessante
um homem de verdade tem q ter uma amante

Tem que ter
tem que ter
tem que ter uma amante(4x)

No Pitinga, CDD, Rio das Pedras ou no Borel
Nós pegamos as amantes, mas não deixamos a fiel
Chapadão no fim da noite eu não quero saber de nada
O que seria de nos se não fossem as mamadas?

Tem que ter
Tem que ter
Tem que ter uma mamada
Tem que ter
Tem que ter (tem que ter uma mamada)

e tem que ter
Tem que ter
Tem que ter uma danada
Tem que ter
Tem que ter..

O baile tá lotado
A chapa tá fervendo
Se tem mulher casada
neurose eu tô correndo
Geral já me conhece
Já sabe o meu lema
O que eu quero é solução
Tô correndo de problema

Eu vim da zona Sul
E não tô de boqueira
Por favor grita pra mim
Só a mulher que tá solteira
Se tem mulher solteira
Aceite o meu convite
Vem junto com o mascote
Tô pagando uma suíte

E para os meus manos
Vou dizer com é que é
Pra você ter uma amante
Não precisa ter duas mulheres
E para a gatinha
Ti dou um papo interessante
Tu tem que ser fiel
E ao mesmo tempo ser amante

Tem que ser
Tem que ser
Tem que ser uma amante (4x)

Tem que ter uma amante...
Tem que ter nem se for um lanchinho

Anexo I

Letra da música “Otário pra bancar” do grupo Gaiola das Popozudas (s.d.):

Trecho da música “tem que ter uma amante” de MC Mascote:
Tem que ter
Tem que ter
Tem que ter uma amante (4x)

Valesca Popozuda:
O mascote da antiga, ele é a historia do funk,
ele disse que o homem tem que ter uma amante
se liga ai amiga no que a gaiola vai falar
mulher de verdade quer um otário pra bancar.

Ele chega no baile de cordão e celular
quando vê uma gatinha ele corre pra azara (2x)

Mas no final das contas, é um otário pra bancar,
Mas no final das contas, é um otário pra bancar, e ai?

Ah aha um otário pra bancar ai!
Ah aha um otário pra bancar ai!

Os homens querem amantes escute o que eu quero falar,
os homens querem amantes escute o que eu quero falar,
As mulheres do baile querem um otário pra bancar,
As mulheres do baile querem um otário pra bancar.

Ah aha um otário pra bancar ai!
Ah aha um otário pra bancar ai!

Ele chega no baile de cordão e celular
quando vê uma gatinha ele corre pra azara (2x)
mas no final das contas é um otário banca (2x)

Ah aha um otário pra bancar ai!
Ah aha um otário pra bancar ai!
Os homens querem amantes escute o que eu quero falar (2x)
As mulheres do baile querem um otário pra bancar (2x)